

Ministério

NOV-DEZ • 2023

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 19,40



NOVA FRONTEIRA

O pastor na era
da inteligência
artificial

Visão, missão e objetivo da mordomia cristã + O cuidado espiritual das novas gerações + Lições do chamado de Jonas
O significado de *satan* em 1 Crônicas 21:1 + O papel do pastor e do ancião na igreja local



Baixe o aplicativo CPB



/cpbeditora
C P B . C O M . B R



WHATSAPP
15 98100-5073



EM QUALQUER LUGAR sua editora perto de você!

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone fixo ou celular



Encontre a
CPB LIVRARIA
mais próxima
de você!



MKT CPB | Adobe Stock

Ministério



10

10 **A inteligência artificial e o ministério**
Daryl Gungadoo
 Perigos e soluções para o trabalho pastoral

14 **Contamos o que valorizamos**
Marcos Bomfim
 Visão, missão e objetivo da mordomia cristã

18 **Fé em crescimento**
Somalia Fernández
 O cuidado espiritual das novas gerações

22 **Fugindo de Deus**
Heyssen Cordero Maravi
 Lições do chamado de Jonas

25 **O censo de Davi**
Edcarlos Menezes
 O significado de *satan* em 1 Crônicas 21:1

30 **Ministério compartilhado**
Osmar Borges
 O papel do pastor e do ancião na igreja local



22

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 28 Ponto a ponto
- 34 Dicas de leitura
- 35 Palavra final



30

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 94 – Número 570 – Nov/Dez 2023
 Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Milton Andrade
Revisoras Rose Santos e Esther Fernandes

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Levi Gruber
Programação Visual Fernando De Lima
Capa Arte sobre imagens de Adobe Stock

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
 Twitter: @MinisterioBRA
 Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Eric Richter; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor; Alberto Peña; Álvaro Cáceres; Antonio Funes; Claudiney Candido; Edilson Valiante; Edison Choque; Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco Abdoval; Guillermo Delgado; José Wilson; Levino Santos; Milton Mayo; Otávio Barreto; Raildes Nascimento.



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
 Rodovia SP 127 – km 106
 Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Gerente Editorial Wellington Barbosa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
 Segunda a quinta, das 8h às 20h
 Sexta, das 7h30 às 15h45
 Domingo, das 8h30 às 14h
 Site: www.cpb.com.br
 E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 94,50
 Exemplar Avulso: R\$ 19,40



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

5972 | 47734

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla. A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Extensão

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 12mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.

- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

SOB NOVA DIREÇÃO

Eu não me lembro do dia, mas sei que foi no ano 2000. Ela estava ali, próximo da mesa do assistente que trabalhava no seminário. Não tenho vergonha de dizer que foi amor à primeira vista. Quando folheei aquela edição, fiquei impressionado com a qualidade das informações e a variedade de temas voltados para a realidade pastoral. Daquele momento em diante, sempre que podia, garantia um exemplar para mim. Recém-formado, ficava atento aos envelopes que recebia da Associação, porque a cada dois meses, ali estaria minha revista. Desde a faculdade, havia adquirido o hábito de lê-la quase que de capa a capa, separando os artigos por categorias, fazendo a catalogação e, por fim, o arquivamento.

O tempo passou, e após oito anos de ministério como pastor distrital, fui convidado pelo saudoso pastor Rubens Lessa para fazer um teste, a fim de trabalhar na CPB. Uma guinada surpreendente em minha trajetória pastoral. De repente, me vi ao lado dos editores que aprendi a apreciar à distância. Entre eles, o pastor Zinaldo Santos, responsável pela minha querida *Ministério*, e que lamentavelmente faleceu há pouco mais de um mês.

No segundo semestre de 2015, fui informado pelo pastor Marcos De Benedicto, nosso editor-chefe, de que eu estava sendo indicado para ser o novo responsável pela revista, substituindo o pastor Zinaldo, que em poucos meses se aposentaria.

Assim começou a história de oito anos que termina nesta edição. Ao assumir o trabalho, com pouquíssima experiência editorial, me apeguei aos amigos que foram generosos em transmitir confiança e repartir o conhecimento necessário para manter relevante a trajetória deste periódico que, no próximo ano, completará 70 anos. Embora seja impossível fazer uma lista com todos os nomes neste espaço, gostaria de mencionar alguns deles, em sinal de especial gratidão.

Em primeiro lugar, aos líderes que confiaram a *Ministério* às minhas mãos. Da parte da CPB, os pastores José Carlos de Lima e Marcos De Benedicto; e da Divisão Sul-Americana, os pastores Carlos Hein e Lucas Alves.

Voltarei à posição apenas de leitor, ainda mais apaixonado pela missão e pelo conteúdo da revista, certo de que coisas maiores e melhores ainda virão!

Na sequência, expresso meu respeito àqueles que compartilharam comigo a responsabilidade de preparar cada número: pastores Márcio Nastrini (2016-2020); Nerivan Silva (2021-2022) e Milton Andrade (2023), editores associados; Josiéli Nóbrega e Rose Santos, revisoras; Isabel Camargo, assistente de editoria, e Levi Gruber, designer gráfico. Além desse time, menciono os colegas de nossa editora-irmã na Argentina, os pastores Marcos Blanco e Walter Steger, e a equipe da revista *Ministry*, desde Derek Morris e Willie Hucks, no início, até Pavel Goia e Jeffrey Brown, atualmente. Foi um privilégio ter a companhia de vocês nessa caminhada!

Não poderia deixar de mencionar a importante participação dos secretários ministeriais das 16 Uniões de nosso território, do pastor Adolfo Suárez, reitor do Salt, e dos professores de nossas oito faculdades de Teologia na América do Sul. A colaboração deles fez com que pudéssemos elaborar uma revista sul-americana para pastores sul-americanos.

Por último, mas não menos importante, aos nossos leitores, pastores que não somente incentivaram o trabalho, mas também fizeram sugestões, críticas e enviaram propostas de artigos. Todas as contribuições foram profundamente apreciadas.

Agora, a *Ministério* seguirá sob nova direção. O pastor Milton Andrade assume como novo editor, e Fernando De Lima será o novo designer gráfico. Uma dupla criativa, experiente e preparada para levar adiante, com excelência, o legado deste importante periódico. Quanto a mim, voltarei à posição apenas de leitor, ainda mais apaixonado pela missão e pelo conteúdo da revista, certo de que coisas maiores e melhores ainda virão! **M**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista *Ministério*

QUER ENTENDER O FUTURO?

Aprenda mais sobre o livro do Apocalipse



Comentário abrangente e fundamentado em uma perspectiva historicista.

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • WhatsApp (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB



Facebook Instagram Twitter YouTube /cpbeditora

À IMAGEM DE QUEM?

A Inteligência Artificial está na moda e tem sido utilizada em quase todos os âmbitos da atividade humana, inclusive no contexto religioso. Um exemplo disso ocorreu recentemente em Fürth, na Alemanha, onde foi realizado o primeiro culto luterano gerado quase integralmente por Inteligência Artificial. Um chatbot “pregou” o sermão e quatro avatares dirigiram os louvores e as orações. Mais de 300 pessoas estiveram presentes, atraídas pela novidade. Terminados os serviços que duraram cerca de 40 minutos, alguns participantes opinaram que as vozes dos oficiantes foram um pouco monótonas. Outros sentiram falta da emoção humana. No entanto, os participantes reconheceram que esses aspectos poderiam ser melhorados para cultos futuros.

A IA é uma tecnologia criada para imitar a inteligência humana por meio de softwares e algoritmos. Em seus quase 70 anos de avanço, ela ainda não imita todas as dimensões da mente humana, porém pode processar grandes quantidades de informação e realizar tarefas de maneira eficiente e precisa. Os motores de busca de internet, por exemplo, causaram uma revolução na busca de dados. De igual modo, as aplicações da IA nas áreas de medicina, finanças, educação, comunicações e transporte também experimentaram avanços espetaculares, facilitando processos e resolvendo problemas.

No entanto, existem riscos e desafios os quais não podemos ignorar. A IA não tem verdadeira racionalidade, vontade, emoção ou espiritualidade. Ela não tem crenças próprias nem uma consciência moral. Além disso – como alguns propõem –, a IA pode ser uma máquina de desinformação, enganando massivamente a população por meio da internet. Outro risco é que o uso de sistemas robóticos poderá causar a perda de postos de trabalho em nível mundial, promovendo um impacto desmedido tanto em termos econômicos quanto sociais.

Assim como o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, a IA está sendo desenvolvida à imagem e semelhança do homem. Que tipo de

Como pastores, precisamos depender do Espírito Santo, não de algoritmos.

desdobramentos poderão surgir, fruto de nossos pensamentos e ações maculados pelo pecado? É indubitável que a IA oferece oportunidades e vantagens importantes. Porém, parece prudente nos aproximarmos dela com o cuidado adequado. A tecnologia não pode substituir nossa experiência com Deus, nosso preparo intelectual e nossa comunhão com as pessoas. Assim, devemos escolher entre utilizar as ferramentas tecnológicas de forma inteligente e equilibrada ou permitir que elas se transformem numa influência secularizante, artificial e limitadora para a religião.

Geralmente, a tecnologia tem sido aliada da igreja, especialmente no cumprimento da missão. Os recursos tecnológicos utilizados com um propósito evangelizador e aplicados com uma ética cristã coerente podem ser uma grande bênção. A IA oferece um mundo de oportunidades para inovar com estratégias que podem atingir pessoas que, de outra forma, seriam impossíveis de alcançar. Porém, como todas as demais invenções, essa tecnologia integra inevitavelmente as limitações humanas. Devemos ponderar se essa ferramenta pode beneficiar a relação do ser humano com Deus ou desvirtuá-la.

Assim como Deus é real, a comunhão, a adoração e a pregação também devem ser experiências reais. O mesmo Deus que achou por bem não convidar anjos para pregar o evangelho, “mas seres humanos com paixões idênticas às daqueles a quem buscam salvar” (Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* [CPB, 2021], p. 86), deseja que a mensagem seja propagada por pessoas, não por chatbots. Como pastores, precisamos depender do Espírito Santo, não de algoritmos. E ainda que estejamos limitados por causa do pecado, Deus nos dá o privilégio de nos aproximarmos diretamente do trono da graça e nos conectarmos de maneira real e direta com nosso Criador e com aqueles que estão ao nosso redor. **IM**



JOSUÉ ESPINOZA
secretário ministerial
associado para a Igreja
Adventista na América do Sul

MINISTÉRIO ABRANGENTE



Por Sérgio Festa

Após 50 anos de ministério pastoral e 40 anos à frente da igreja adventista *Pioneer Memorial*, na Universidade Andrews, o pastor Dwight Nelson anunciou sua aposentadoria em junho deste ano. Além de pregador habilidoso, Nelson é escritor, apresentador de TV, evangelista, professor de Teologia e mestre e doutor em Ministério pela Universidade Andrews. Casado com a enfermeira Karen Nelson, eles têm um casal de filhos: Kirk e Kristin.

Como foi seu chamado para o ministério?

Eu sou um pregador de quarta geração e adventista de quinta geração. Filho de missionários, nasci no Japão e fiquei lá até meus 14 anos. Meu plano era ser médico-cirurgião. Eu tinha até meu próprio microscópio para fazer experimentos! Mas no meu primeiro ano do ensino médio em Cingapura, um visitante da Associação Geral passou por lá e fez uma palestra para todos os filhos de missionários. Eu não lembro quem era nem o que ele disse, mas recordo apenas o momento do apelo. Ele falou: "Todos vocês que vão para o ministério, quero que se levantem!" Eu sabia que não precisava ficar em pé, pois eu queria ser médico. Então, olhei em volta e vi poucas pessoas em pé. Fiquei atordoado com aquilo.

Se você não tem uma vida de oração, você não terá uma vida de pastor.

"Por que quase ninguém se levantou?", pensei. Então, ouvi uma voz em minha mente: "Por que você não está de pé?" A partir desse momento, eu sabia que Deus queria que eu fosse um pastor. Naquela hora de convicção, eu não vi nenhuma luz. Não recebi a capa de ninguém. Mas eu ouvi uma voz em minha mente dizendo que deveria ser um pastor. Sim, Deus usa maneiras diferentes para chamar pessoas diferentes.

Você teve dúvidas e desafios no início do ministério?

Sim, com certeza! Quando eu ainda estava no segundo ano da faculdade de Teologia, comecei a pensar: "Eu não sei se quero fazer isso. Talvez eu devesse ser um advogado. Os advogados falam muito, certo?" Um dia, eu estava sozinho no dormitório. Eu não sabia mais o que fazer. De repente, vi um livro na minha pequena biblioteca, escrito por Carlyle B. Haines, cujo assunto era direcionado aos jovens ministros. Comecei a lê-lo e era como se Deus estivesse falando comigo. As palavras eram mais ou menos assim: "Você se lembra de que Eu o chamei? Vou levá-lo aonde preciso de você, não importa o que você faça. Só aprenda a confiar em Mim e depender de Mim." Eu acreditei nisso e assim tem sido a minha vida.

Como você vê a igreja atual comparada à igreja de quando você começou?

A vida se tornou tão complicada e isso é absolutamente inacreditável. Quando eu olho a 50 anos atrás, eu era um garoto de 21 anos saindo da faculdade. Eu me casei quando tinha 22 anos. Quando saí da faculdade, o que era a igreja? Era maravilhosa! E eu me tornei um pastor auxiliar de um pastor sênior chamado Phil. Ele me acolheu e

me levou sob suas asas! Então, ele me disse: “Dwight, fique comigo. Apenas me acompanhe.” E foi a melhor coisa que eu tive no começo do ministério. E para todos os pastores experientes que estão lendo isso agora, eu digo: Vocês estão sendo observados pelos mais jovens. Eles estão aprendendo o que devem e o que não devem fazer.

Certamente a igreja era mais “descomplicada”. Mas a mídia mudou tudo. Temos agora a Geração Z, os “filhos” das redes sociais. Eles são uma espécie de produto. Possuem os maiores índices de problemas de saúde mental do que qualquer outra geração. Sabe por quê? Porque o celular isolou essa geração inteira. Eles estão em seu próprio mundo. Eles têm 500 amigos, mas nunca encontraram nenhum deles. Recentemente, veio a pandemia. Agora, temos um novo mundo. A pandemia isolou ainda mais todos nós. A Igreja Adventista não retornou ao que era antes da pandemia. Eu tenho membros que não estão mais na igreja. Eu até sei que alguns estão assistindo aos cultos, mas estão em um novo ritmo. Preferem ficar com seus pijamas e suas bebidas quentes enquanto “adoram” com os aparelhos nas mãos. Nossa igreja está voltando lentamente, apenas lentamente.

Os pastores de hoje são muito independentes. Isso representa um novo desafio para os administradores. Os alunos são diferentes. Os professores também. Todo mundo mudou! Hoje você tem que cortejar, tem que convencer, tem que convidar. Caso contrário, as pessoas vão embora. Então, não podemos mais comandar. Os tempos mudaram. Mas, graças a Deus, “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre” (Hb 13:8). Ele diz: “Eu, o Senhor, não mudo” (Mt 3:6).

Como é sua rotina de leitura e escrita?

Eu digo aos meus alunos do seminário que existem três regras para a pregação fresca e criativa. A regra número um é leitura. A regra número dois é leitura. E a regra número três é leitura. Leia, leia, leia! Se você não gosta de ler, não entre no ministério. Leia o máximo que puder. Ponha diante dos seus olhos boa literatura. Algumas pessoas dizem: “Eu não leio nada além da Bíblia e Ellen White.” Não, isso não é bom. Ellen White era uma boa leitora. Lia teologia, biografia, filosofia e ciências. Então, leia! Leia histórias, notícias, biografias. João Batista costumava ir à cidade apenas para observar as pessoas. Por que ele fazia isso? Apenas para observar a raça humana a quem ele pregava. Essas também são as pessoas que eu tenho que alcançar com a minha mensagem.

Bons sermões de sábado não surgem na sexta-feira à noite. Você tem que trabalhar o conteúdo ao longo da semana.

Agora, quanto à escrita, meus livros saíram exclusivamente dos meus sermões. Eu passo horas semanais escrevendo um sermão. Então, quando você terminar de escrever um sermão, não jogue fora. Mantenha o que você escreveu. Se pregar uma série de dez sermões, você terá dez capítulos de um livro. E, você sabe, são 128 páginas facilmente. Então, escreva, salve e guarde. Escreva para a revista *Ministério*. Escreva para a *Revista Adventista*. Escreva um livro! Quando você prega um sermão, as pessoas na igreja são abençoadas por ele. Mas quando você publica um artigo ou livro, pessoas de lugares inimagináveis são alcançadas pelo seu conteúdo.

Com relação às séries de sermões que faço em minha igreja, eu gasto tempo apenas pensando e orando, e tomando notas de ideias. Se você não planejar, tomar notas e se preparar com antecedência, nada acontecerá. Coloque tudo em um arquivo. Seja disciplinado. Bons sermões de sábado não surgem na sexta-feira à noite. Você tem que trabalhar o conteúdo ao longo da semana. Tenho certeza de que Deus fará grandes coisas em você e por você, mas é preciso se preparar intelectualmente e espiritualmente.

Qual é a importância da vida de oração?

Para aqueles que estão começando o ministério agora, comecem imediatamente a desenvolver uma vida de oração. Não há vida sem oração. Se você não tem uma vida de oração, você não terá uma vida de pastor. A oração é a coisa mais importante que você faz. Eu digo aos meus pregadores: “Nenhuma oração no escritório, nenhum poder no púlpito.” Sim, eu quero poder no púlpito. Eu preciso de poder. Não posso trazer o meu próprio poder. Sou totalmente dependente do poder vindo de fora de mim. A oração é absolutamente a essência da obra pastoral. Precisamos passar pelo menos uma hora com Jesus todos os dias. Pouca oração, pouco poder. Alguma oração, algum poder. Muita oração, muito poder. É assim que funciona. **M**

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E O MINISTÉRIO

Perigos e soluções para o trabalho pastoral

Daryl Gungadoo

Em 1953, o renomado autor de livros infantis Roald Dahl escreveu um conto intitulado *The Great Automatic Grammatizator* (O Grande Grammatizador Automático). Espantosamente, sua narrativa parecia prever o surgimento da inteligência artificial (IA), que se tornou um dos aplicativos que teve um dos maiores crescimentos de consumo da história até aqui. O conto de Dahl captura a ansiedade gerada pela crescente prevalência da IA e pela diminuição do valor do trabalho criativo humano.

Na tentativa de desmistificar onde estamos e para onde vamos com a IA, convido

você a conhecer a tecnologia e a várias ferramentas que ela fornece para a nossa igreja.

Definição

Para resumir, a IA é um *software* de computador que tenta simular o pensamento humano. Mas, em vez de apenas executar uma lista de instruções, esse *software* trabalha com um propósito.

Para funcionar, ele precisa ingerir grandes quantidades de dados rotulados de treinamento e, em seguida, analisá-los em busca de correlações e padrões, que, por sua vez, ajudam nas previsões ou tomadas de decisões.

Diferenciação dos humanos

Mesmo que a IA possa se tornar muito inteligente em certas áreas, ela jamais poderá substituir a inteligência humana criada por Deus pois, francamente, nem nós compreendemos totalmente a inteligência humana. Então, como poderemos replicá-la?

Deus nos criou com uma ou duas inteligências predominantes destes nove tipos de inteligência humana e três estilos de aprendizagem:¹ inteligência visual-espacial, inteligência musical, inteligência cinestésico-corporal, inteligência linguística, inteligência interpessoal, inteligência lógico-matemática, inteligência intrapessoal

(aprendizagem individual), inteligência naturalista (uso da natureza nas explicações), inteligência existencial e estilo de aprendizagem visual, cinestésico ou auditivo.

Apesar de um computador conseguir simular alguns dos tipos de aprendizagem e processos de raciocínio que Deus criou, a IA também busca emular habilidades cognitivas, como o raciocínio, o aprendizado e a autocorreção, obtendo diferentes graus de sucesso. Ela é melhor em alguns estilos de aprendizagem (como a lógico-matemática), é moderadamente boa em outras (como a visual-espacial) e vai muito mal em outras (como a intrapessoal e a interpessoal).

Embora Deus tenha colocado na humanidade o desejo de criar e inventar, parece (até agora) que replicar o processo de pensamento de um cérebro humano não é possível, o que me faz ficar ainda mais maravilhado com o poder, o conhecimento e a criatividade de Deus.

Categorias de IA

Podemos classificar a inteligência artificial por funcionalidade, conforme sugerido por Arend Hintze:²

Máquinas reativas. Uma máquina reativa não tem memória, mas é utilizada especificamente para um determinado tipo de tarefa. Ela geralmente é projetada para fins específicos e não pode ser facilmente usada em outras situações. Um exemplo disso seria um aplicativo de jogo de xadrez que não pode usar jogadas do passado para informar os jogos futuros, em vez disso, ele analisa os movimentos possíveis e escolhe quais são os mais estratégicos.

Memória limitada. Esses sistemas de IA usam experiências passadas para moldar decisões futuras. Um bom exemplo disso é um carro autônomo: "As observações informam ações que ocorrerão em um futuro não tão distante, como um carro mudando de faixa."³ No entanto, essas observações não são armazenadas permanentemente.

Teoria da mente. "Quando aplicada à IA, [a teoria da mente] significa que o sistema teria inteligência social o suficiente para entender as emoções. Esse tipo de IA seria capaz

de deduzir as intenções humanas e prever o comportamento, uma habilidade necessária para que os sistemas de IA se tornem membros integrais do mundo humano."⁴ Até o momento, esse tipo de IA não existe.

Autoconsciência. Essa funcionalidade é capaz de guardar memórias do passado e fazer previsões, aprender e se tornar mais inteligente, baseando-se em suas próprias experiências. A IA da ficção científica se enquadra nessa categoria, que também não existe ainda.

Questões éticas

Preconceito, discriminação e uso indevido. Como são os seres humanos que treinam os sistemas de IA com conjuntos de dados que eles mesmos criaram, o que for produzido pelos programas pode refletir os vieses e preconceitos de seus criadores. Considere os resultados com cautela e lembre-se de que o resultado será parecido com o conjunto de dados onde foi treinado, sem falar em outros fatores, como o viés algorítmico, por exemplo. Outra questão importante é que um criminoso cibernético poderia desenvolver um "vírus" que distorcesse os dados que estão sendo treinados em um sistema de IA, usando informações erradas para obter um resultado prejudicial.

Privacidade. Os sistemas de IA coletam e processam grandes quantidades de dados sobre nós. Dependendo das regulamentações do país, os dados podem incluir informações pessoais, como localização, histórico de navegação e de atividade nas mídias sociais. Portanto, é imperativo que tais dados sejam utilizados de forma responsável.

Falta de transparência e responsabilidade. Os sistemas de IA geralmente são vistos como complexos e obscuros, o que dificulta o entendimento de como eles tomam decisões e também torna difícil saber como corrigir o processo. Isso pode levar à desconfiança e ao medo da IA.

Controle. Os sistemas de IA estão se tornando cada vez mais autônomos, pois tomam decisões sem o envolvimento humano. Esses sistemas precisam ser monitorados.

É importante garantir que os sistemas de IA não representem uma ameaça à nossa segurança ou liberdade (isso para o bem de "muitos").

Vantagens e desvantagens

Veremos, em primeiro lugar, algumas vantagens da IA:

- Se for programada adequadamente, a IA pode eliminar erros humanos (de ortografia, por exemplo), aproveitando sua precisão programada e sua capacidade de tomar decisões embasadas em informações coletadas e padrões abrangentes.

- Os robôs de IA podem substituir os humanos em cenários perigosos, como desarmar bombas e explorar o espaço ou as profundezas do mar.

- A IA não é afetada pelo cansaço, por distrações ou pelo tédio e não precisa de intervalos para descanso. Ela é particularmente boa em tarefas monótonas e repetitivas.

- Embora as atitudes e emoções subjetivas influenciem as tomadas de decisão do ser humano, a IA se baseia em informações factuais como fundamento para seu processo de tomada de decisão (se programada adequadamente).

Por outro lado, a IA também apresenta algumas desvantagens:

- O desenvolvimento da IA exige *hardwares* e *softwares* sofisticados, além de um investimento significativo de tempo. Os dispositivos de IA exigem atualizações e manutenção regulares, o que os torna um empreendimento caro.

- A IA é excelente na execução de tarefas programadas, mas não tem a capacidade de pensar de forma criativa ou de se desviar de seus parâmetros predeterminados.

- O desemprego é uma grande preocupação em relação à IA, pois os robôs movidos a IA já substituíram os humanos em várias funções nas áreas da indústria e da pesquisa.

- Como a IA assume uma parte substancial das responsabilidades do funcionário, os trabalhadores podem se tornar negligentes e acabar confiando demais na IA para gerenciar detalhes críticos da sua função.

- O desenvolvimento moral, que é enraizado nos seres humanos desde a primeira infância, não existe nas máquinas de IA (a menos que sejam explicitamente programadas para isso). Elas só possuem conhecimento, reconhecimento e habilidades de utilização baseados em parâmetros programados.

Mitos

A inteligência artificial retratada na ficção é real. Alguns filmes de ficção, como Matrix, Exterminador do Futuro e M3GAN, geralmente exageram nos tipos de IA autoconscientes. Esses tipos de IA não existem e não existirão tão cedo. Se existissem, seriam um divisor de águas absoluto. Um computador com inteligência artificial geral poderia devorar todo o conhecimento do mundo (coletado da internet) para resolver alguns dos problemas globais, ou até mesmo lidar com eles antes que surgissem.

Os sistemas de IA são injustos. A IA é mais utilizada para decisões relacionadas a empregos, empréstimos bancários e alocação de crédito e portanto, pode parecer injusta para com os grupos vulneráveis. É preciso lembrar que a IA é treinada para imitar o comportamento de seres humanos na tomada de decisão e que ela irá refletir os seus vieses.

A IA é tão boa quanto os dados com os quais é treinada. Nenhum conjunto de dados do mundo real é perfeito. No entanto, é possível resolver os problemas usando técnicas como a formulação cuidadosa do problema, uma amostragem direcionada, uso de dados sintéticos ou a criação de restrições nos modelos.

A IA vai tirar nossos empregos. A maioria das mudanças de paradigma na tecnologia enfrentou o medo do desemprego em massa, desde o carro até a calculadora e ao computador pessoal. No longo prazo, alguns empregos desaparecerão de fato, mas novos empregos e novos setores surgirão, juntamente com padrões de vida mais elevados. Eu acredito que a IA será usada como uma ferramenta para aumentar os empregos existentes.



A IA se desenvolverá por conta própria e irá se rebelar contra a humanidade. Embora a IA esteja superando os seres humanos em tarefas repetitivas complexas, ela permanece limitada em seu escopo e carece de criatividade. Como criacionista, acredito que somente Deus transmite a consciência e que simplesmente não é possível que uma IA desenvolva consciência e sensibilidade por conta própria.

O uso da IA na igreja

Perguntei a dois dos sistemas de IA mais populares, o Google Bard (baseado no Modelo de Linguagem para Aplicativos de Diálogo) e o ChatGPT (baseado em transformadores generativos pré-treinados), como eles veem a IA ajudando as igrejas hoje e em um futuro próximo. Aqui estão algumas das sugestões geradas por eles (meus comentários estão entre parênteses):

Melhoria de operações. A IA pode ser usada para automatizar tarefas como agendamento, orçamento e entrada de dados. Isso liberará o tempo da equipe para se concentrar em tarefas mais importantes, como ministrar à congregação.

Melhorar estratégias evangelísticas. A IA pode ser usada para criar conteúdo personalizado para membros da igreja e membros em potencial. Quando as estratégias são adaptadas aos interesses e às necessidades de cada pessoa, é mais provável que seja aceita e haja engajamento.

Oferecer atendimento. A IA pode ser usada para fornecer aconselhamento (embora eu prefira um ser humano real com empatia fazendo essa tarefa), registrar pedidos de oração ou outras informações referentes aos membros da igreja.

Chatbots. Os programas de computador podem simular conversas com seres humanos. Os *chatbots* podem ser usados para responder perguntas, interagir com os visitantes como se fosse um diácono virtual ou fornecer orientação e ajuda. (Embora a novidade de ser abordado por um robô como visitante possa ser divertida para alguns, os seres humanos buscam, por natureza, conexões com outros seres humanos. Sugiro que os chatbots sejam restritos ao suporte on-line.)

Evangelismo personalizado. Os variados *chatbots* podem conduzir estudos bíblicos. (Pessoalmente, prefiro que um estudo bíblico seja conduzido por um ser humano capaz de empatia. Tenho essa mesma sensação quando “converso” com o *chatbot* do meu banco.)

Assistentes virtuais. Os assistentes virtuais são como os *chatbots*, mas podem fazer mais. Eles podem agendar compromissos, fazer reservas e até mesmo ajudar em tarefas como lavar roupa e fazer compras no supermercado. (Suponho que um pastor experiente possa tirar proveito dessa ferramenta.)

Ferramenta para sermões. A IA pode auxiliar pastores e outros líderes fornecendo acesso a referências bíblicas relevantes, ao contexto histórico e a outros recursos. (Por exemplo, no ChatGPT, você pode perguntar: “Quais são alguns versos bíblicos que apoiam a ideia X?”)

Análise de dados. A IA pode ser usada para analisar dados de cultos, páginas da *web* e mídias sociais da igreja. Esses dados permitirão que você saiba mais sobre os membros da igreja, os membros em potencial e a comunidade em geral.

Tradução de idiomas. A tradução feita com a tecnologia da IA pode ajudar as igrejas a alcançar falantes de outras línguas, superando assim as barreiras linguísticas existentes.

Eventos virtuais. A IA pode criar eventos virtuais em que pessoas do mundo inteiro podem participar. Isso pode ajudar as igrejas a atingir um público mais amplo e a se conectar com aqueles que talvez não possam participar pessoalmente.

Segurança. Os sistemas de segurança com a tecnologia da IA podem ajudar as igrejas a proteger suas propriedades e evitar crimes, por meio da detecção e resposta a possíveis ameaças.

Um final diferente

Alguns filósofos da tecnologia acham que pode ocorrer uma crise se os objetivos de uma IA não forem os mesmos da humanidade, fazendo com que a IA ultrapasse as barreiras humanas e “domine o mundo”. No entanto, uma leitura escatológica da Bíblia sugere um fim do mundo bem diferente, no qual “Ele [Jesus] vem com a nuvens e todo olho O verá” (Ap 1:7). Estou ansioso por esse final glorioso e por esse novo começo. **IT**

Referências

¹Veja A Teoria das Múltiplas Inteligências de Howard Gardner em Howard Gardner, *Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática* (Porto Alegre: Penso Editora, 1995).

²K. Sarwar, “Types of Artificial Intelligence”, disponível em <link.cpb.com.br/e09e57>, acesso em 19/5/2023.

³Sarwar, “Types of Artificial Intelligence”.

⁴“What Is Artificial Intelligence? How Does It Work?”, *Zegashop*, disponível em <link.cpb.com.br/928483>, acesso em 2/3/2022.

DARYL GUNGADOO

diretor do laboratório de mídia da *Adventist Review*



PERIGOS DA IA

1 As ferramentas e fontes consultadas pela IA são confiáveis? A busca parece ser sem critério, pois utiliza apenas as informações que estão disponíveis em seu banco de dados. Ficarão de fora, por exemplo, livros, dicionários, léxicos e comentários de autores e editoras que dialogam adequadamente com a nossa teologia.

2 Será um estímulo à preguiça intelectual. Agora o pastor nem precisa, ao menos, escolher as fontes: terá o sermão pronto, ainda que direcione as perguntas ou até proponha os tópicos. Se alguns pastores já tinham dificuldades de fazer sermões novos, agora a preguiça terá ares de “inteligência”. No formato “antigo” de pesquisa, o pastor devia escolher suas fontes, mesmo em meio a várias fontes confiáveis – um processo de seleção altamente estimulante e educativo.

3 Talvez um dos maiores perigos da IA para o ministério seja a produção de

sermões impessoais, sem o perfil do pregador, algo pior do que um “sermão enlatado”, pois, ao menos, o sermão enlatado vinha de um pastor ou teólogo experiente e confiável. Com a IA, o sermão virá de “alguém” que nunca pregou um sermão sequer e não se preparou espiritualmente para isso. Pastores começarão a pregar sermões feitos por máquinas e dirigidos a pessoas, ou seja, quem não tem “cheiro de ovelha” fará os sermões de quem ou para quem cuida das ovelhas – um grande perigo!

4 Nesta era de imediatismo, usar a IA um dia antes de pregar parece ser uma tentação atraente. De fato, estamos imersos na cultura do fácil, do descomplicado, do rápido. Assim, sobra mais tempo para se perder em coisas superficiais, como curtir fotos ou assistir a vídeos de entretenimento. No entanto, o ministério pastoral não deve estar refém dessa cultura *fast-food*, alimentando-se de comida processada, artificial e sem nutrientes.

Em vez de prepararmos sermões instantâneos, precisamos nos valer de sermões preparados em bibliotecas comuns, pesquisados com conteúdo sólido e rico, feito por pessoas reais e não por máquinas. Portanto, pastores e líderes de igreja precisam consultar livros físicos, livros digitais, aplicativos confiáveis (como o Logos, por exemplo) e, sobretudo, a Bíblia.

5 O preparo de um sermão deve ser feito com oração e estudo da Bíblia, dos livros do Espírito de Profecia e de outros livros teológicos confiáveis. Isso demanda tempo, esforço e relacionamento com Deus. Quando um pregador depende inteiramente da IA para produzir suas mensagens, está suprimindo o trabalho do Espírito Santo. Observe, portanto, que essa é uma questão de teologia, ideologia, identidade e escolha. **IT**

ADOLFO SUÁREZ

reitor do SALT e diretor do Espírito de Profecia da Divisão Sul-Americana

CONTAMOS O QUE VALORIZAMOS

Visão, missão e objetivo da mordomia cristã

Marcos Bomfim

Qual é o objetivo do Ministério de Mordomia Cristã? Qual resultado é mais valorizado nesse importante ministério da igreja? A resposta a essas perguntas cruciais dependerá daquilo que entendemos como visão e missão do departamento.

VISÃO

Conta-se que alguém perguntou a Michelangelo o que ele estava esculpindo em um enorme bloco de granito. “Um cavalo”, ele respondeu. “Mas como você pode esculpir um cavalo a partir de um bloco de granito?”, a pessoa questionou com espanto. “É fácil”, disse Michelangelo. “Minha tarefa é apenas remover o que não é o cavalo.” Curiosamente, o artista foi capaz de visualizar um cavalo dentro daquele bloco de granito, e foi essa visão que lhe permitiu remover tudo o que não fosse pertinente ao cavalo. Ter uma visão foi, portanto, um ponto crucial para que o escultor estabelecesse sua estratégia de trabalho e definisse a forma do resultado.

No Ministério de Mordomia Cristã também é extremamente importante que tenhamos uma *visão* clara do que esperamos como resultado de nosso trabalho. O que realmente queremos? Manter os cofres da igreja cheios de dinheiro ou levar as pessoas a temerem a Deus e dar-Lhe glória, “pois é chegada a hora em que Ele vai julgar” (Ap 14:7)? A resposta a essa pergunta é o que determinará a estratégia a ser adotada.

Uma visão apropriada para o Ministério de Mordomia Cristã só será desenvolvida quando houver uma compreensão do que é Mordomia Cristã. Uma definição interessante diz que “mordomia é o gerenciamento daquilo que pertence ao outro”¹; isto é, o que pertence a Deus, o Dono de todas as coisas (Sl 24:1-3; 1Co 10:26).

Os seres humanos foram designados na criação como mordomos dos bens de Deus (incluindo eles mesmos), e qualquer “pessoa pode [escolher] ser um bom ou um mau mordomo”.² A verdadeira felicidade e o significado da vida só podem ser encontrados por meio do



gerenciamento adequado de si mesmo e dos ambientes sociais e materiais, de acordo com as especificações de Deus. Mas como gerir a própria vida e tudo o que a rodeia?

Jesus declarou um princípio-chave de gestão (ou mordomia) que, se praticado, colocará tudo na perspectiva correta. Ele disse: “Busquem em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua justiça, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6:33). Essa é a declaração de visão do Ministério de Mordomia: “Pessoas colocando Deus em primeiro lugar.” O verdadeiro sucesso em todas as áreas da vida só pode ser obtido se esse princípio for praticado.

Satanás sabe disso. Por essa razão, “tem sido [o seu alvo] levar as pessoas a pôr o eu em primeiro lugar”,³ em vez de Deus. Esse tipo de mentalidade “enche o mundo de miséria e contenda”,⁴ tornando-se a principal razão para problemas ambientais e econômicos, fracassos matrimoniais e o colapso de quaisquer outras relações sociais. Mesmo assim, a humanidade ainda insiste em colocar o eu em primeiro lugar.

Há algum tempo, vi no Cairo, capital do Egito, uma enorme placa em uma rua muito movimentada que dizia: “Colocando você em primeiro lugar.” Essa frase resume muito bem a mentalidade egoísta que permeia o mundo e se opõe a Deus e, conseqüentemente, à felicidade e ao sucesso. “O egoísmo”, Ellen White escreveu, “é a essência da depravação, e, pelos seres humanos terem se submetido ao seu poder [...], nações, famílias e indivíduos estão cheios do desejo de fazer do eu um centro”.⁵

Se Satanás visa “levar os homens a pôr o eu em primeiro lugar”, enchendo “o mundo de miséria e luta”, somos chamados a associar-nos com Deus na tarefa de desmascarar a obra do inimigo. Não são apenas os membros da igreja que são convidados a colocar Deus em primeiro lugar, mas “toda nação, tribo, língua e povo” são chamados a temer a Deus e dar-Lhe glória (Ap 14:6, 7), reconhecendo-O como o Senhor de tudo.

Uma vez que a visão “Pessoas colocando Deus em primeiro lugar” é mais ampla do que o escopo de um único departamento, a

Igreja Adventista criou muitos ministérios, ou departamentos, tais como Educação, Escola Sabatina, Ministério Pessoal, Saúde, Ministério da Família e Ministério da Mulher – só para mencionar alguns –, todos fazendo sua parte para estimular as pessoas a adotarem princípios gerais de mordomia ou gestão.

MISSÃO

Nossa declaração de missão tem a ver com a contribuição específica do Ministério de Mordomia Cristã para a visão abrangente de “Deus em primeiro lugar”, que também deve ser cumprida por todos os demais departamentos da igreja: “Convidar as pessoas a confiar em Deus como o Dono e Provedor de tudo e, por meio de doações regulares e sistemáticas, ser Seus associados na missão final.”

Existem alguns elementos-chave nessa declaração de missão. Primeiro, o Ministério de Mordomia Cristã não tem como único objetivo convidar as pessoas a doar, mas a confiar em Deus, como Proprietário e Provedor de tudo.

O segundo ponto a ser destacado diz respeito a fazer sociedade com Deus e agir como instrumentos Dele na Terra. Essa parceria – que é proposta por Ele e envolve privilégios e responsabilidades – inclui também nossas finanças (Pv 3:9, 10; Mt 3:10; 1Co 3:9; 16:2). Em consonância com esses versos da Bíblia, Ellen White escreveu: “O Senhor fez uma aliança especial com os seres humanos, de que se eles separassem regularmente a parte destinada ao avanço do reino de Cristo, Ele os abençoaria imensamente, de tal modo que não haveria mais lugar para receber Suas dádivas.”⁶ E acrescentou: “Se os homens se tornarem condutos pelos quais as bênçãos dos Céus possam fluir para os outros, o Senhor conservará suprido esse canal.”⁷

A ênfase mais importante na declaração de missão está no fato de que as pessoas são convidadas a exercitar sua confiança em Deus, principalmente por meio de doações regulares e sistemáticas. Por que tanta ênfase nas doações regulares e sistemáticas? Por que simplesmente não sugerir que

as pessoas sempre doem “segundo [tiverem] proposto em seu coração”?

Embora o coração possa ser impressionado por Deus em muitas circunstâncias, as impressões, por si só, não devem ser o único critério para fazer escolhas. Aqueles que confiam demais em seus sentimentos, sempre permitindo que suas impressões ou inclinações comandem suas ações, frequentemente ignoram que o coração é naturalmente egoísta e “enganoso [...] mais do que todas as coisas” (Jr 17:9). Ellen White afirmou: “O egoísmo é o mais forte e mais generalizado dos impulsos humanos. [...] Em nosso trabalho e em nossas doações à causa de Deus, não é seguro ser dominado por sentimentos ou impulso.”⁸

Portanto, em vez de agir tão somente de acordo com os sentimentos, somos encorajados por Deus a “agir guiados por princípios fixos, seguindo o exemplo de desprendimento e autossacrifício do Salvador”.⁹ Ao mesmo tempo, precisamos orar por uma mudança de coração, a qual é promovida quando o Espírito Santo habita em nós (Ez 36:26, 27). Somente assim o coração será inclinado a fazer o que é certo. Então, “a causa da beneficência não dependeria da incerteza de doações resultantes de impulso, que variam segundo os mutáveis sentimentos do ser humano”.¹⁰

Uma vez que “[nossas] posses são portadoras de afeições”,¹¹ somos encorajados por Deus a colocar nossos recursos regular e sistematicamente onde queremos que o nosso coração esteja (Mt 6:21). E quais devem ser a regularidade e o sistema com que damos o dízimo e as ofertas? A regularidade é determinada pelo recebimento de uma renda, enquanto o sistema primário de doações – válido também para as ofertas – pressupõe uma proporcionalidade da renda baseada em uma porcentagem (Dt 16:17, 1Co 16:2; 2Co 8:12). Esse tipo de doação regular e sistemática é chamada de pacto, e aqueles que aderem a esse sistema são chamados de pactuantes.

Em uma mudança de paradigma, Deus agora se torna o centro da doação, e os pactuantes deixam de ser “dominados

pelo sentimento ou pelo impulso”, pois eles sabem que isso seria perigoso. Eles já não doam como filantropos que, quando desejam doar, o intuito é ajudar, patrocinar ou apoiar algo ou alguém. Tampouco anseiam por qualquer reconhecimento humano depois de terem doado. Eles doam como resposta às bênçãos de Deus e não na expectativa de recebê-las.

OBJETIVO

Como saber se estamos obtendo sucesso em nosso convite para as pessoas confiarem em Deus e serem associadas Dele em Sua missão final por meio de doações regulares e sistemáticas? Como avaliar o nosso progresso? Devemos considerar o aumento do valor dos dízimos e das ofertas de uma congregação ou campo como um indicador de maior confiança em Deus por parte de seus membros? De maneira nenhuma.

O aumento da receita de dízimos e ofertas não é necessariamente um indicativo de crescimento espiritual de uma congregação, pois esse aumento pode ser apenas um reflexo da bênção que uma só pessoa daquela congregação ou campo tenha recebido. E como nossa declaração de missão é focada

no crescimento espiritual em vez do crescimento financeiro, devemos contar não o dinheiro, mas a participação das pessoas, ou seja, a proporção dos membros engajados em doações regulares e sistemáticas. Como diz o ditado: “Contamos o que valorizamos e valorizamos o que contamos.” Por isso, nosso objetivo é: “No início de cada ano, um acréscimo de 2% no número de membros da igreja local que participa com seus dízimos e ofertas regulares e sistemáticas.”

Assim, a questão mais importante a ser acompanhada por um pastor é: Qual é a proporção do total de membros que está atualmente devolvendo os dízimos e as ofertas regulares e sistemáticas? Essa proporção de pactuantes está crescendo ou diminuindo? Essas perguntas precisam ser respondidas detalhadamente e os dados devem ser acessados para que, então, os planos sejam elaborados. Caso contrário, a visão de “pessoas colocando Deus em primeiro lugar” nunca será cumprida.

Quando um pastor prioriza a avaliação e a participação das pessoas no processo de fidelidade, demonstra desejar mais do que simplesmente promover um aumento na receita financeira da igreja, por mais importante que

isso seja para o cumprimento da grande comissão de Cristo. Ele quer ver mais pessoas conhecendo Deus de maneira mais íntima, confiando Nele, aprendendo a viver pela fé e, finalmente, habitando no Céu após a segunda vinda de Jesus. Você também deseja isso? Então, diga: Ora, vem, Senhor Jesus! **TM**

Referências

¹Mel Rees, *Basic Stewardship Manual* (Singapura: General Conference of SDA, Far Eastern Division, Department of Church Ministries, 1990), p. 7.

²Rees, *Basic Stewardship Manual*, p. 7.

³Ellen G. White, *Conselhos Sobre Mordomia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021) p. 19.

⁴White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 19.

⁵White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 19.

⁶White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 55.

⁷White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 27.

⁸White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 20.

⁹White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 20.

¹⁰White, *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 138.

¹¹Marcos F. Bomfim, “Nurture and Heart Retention”, *Dynamic Steward* 22 (2019), p. 16.

MARCOS BOMFIM

diretor de Mordomia Cristã da Associação Geral



Foto: Gentileza do autor

PROVAI E VEDE

Para fortalecer e promover a visão, missão e objetivo da Mordomia Cristã, a Divisão Sul-Americana produz há 12 anos os vídeos do “Provai e Vede”. Semanalmente, os testemunhos fortalecem a adoração e possibilitam aos membros expressar o louvor pelas bênçãos recebidas de Deus.

Em 2024, os vídeos do Provai e Vede passarão por uma mudança significativa. A primeira mudança será na forma de contar a história. Você perceberá que os relatos estarão mais pessoais e com uma aplicação para a vida de quem estiver assistindo. Outra mudança será a apresentação de histórias de jovens e crianças, a fim de que as novas gerações se sintam parte do projeto. Por fim, o Provai e Vede de 2024 trará histórias impactantes de missionários que irão mostrar como Deus tem agido em lugares desafiadores do mundo. Todos esses relatos também serão uma prestação de contas, a fim de que a igreja saiba como e onde os recursos dos dízimos e ofertas estão sendo usados.

Outras informações importantes:

1. Todos os vídeos terão menos de cinco minutos. Isso não demandará muito tempo do culto.
2. Os vídeos seguem um calendário de temas. Assim, vários aspectos da fidelidade serão contemplados ao longo do ano: missão, saúde, guarda do sábado, dízimos, ofertas, comunhão e compromisso com a causa de Deus.
3. Uma equipe de oito profissionais está envolvida na produção dos vídeos. Uma das funções dessa equipe é certificar-se de que nenhum vestígio da teologia da prosperidade seja apresentado nos vídeos.

A cada sábado de 2024, os vídeos do Provai e Vede irão mostrar o cuidado de Deus por Seus filhos, principalmente quando escolhem acreditar Nele por meio de sua fidelidade. Acompanhe e compartilhe essas histórias com seus amigos e familiares.

JOSANAN ALVES

diretor de Mordomia da Divisão Sul-Americana

A PONTE ENTRE O ANTIGO E O NOVO TESTAMENTO



Encontre respostas para questões profundas sobre o evangelho, a lei e o sábado que foram encaradas com dedicação por Skip MacCarty ao longo do seu ministério pastoral. Sua busca por respostas convincentes, com sólida fundamentação bíblica, teve como resultado este livro. Nele, o autor reflete sobre o relacionamento entre Deus e Seu povo ao longo das eras.

MKT CPB • Adobe Stock

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria •  (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB  



    /cpbeditora

FÉ EM CRESCIMENTO

O cuidado espiritual das novas gerações

Somalia Fernández

Como esposa de pastor e mãe, estou muito interessada no desenvolvimento espiritual das crianças e adolescentes. Dentro do ambiente eclesial, influenciemos aqueles que nos rodeiam, seja de forma direta ou indireta, sejam nossos filhos ou não. Por isso, precisamos refletir se, como líderes e pais, estamos alimentando de maneira saudável e equilibrada a fé das novas gerações. Neste artigo, vou compartilhar algumas ferramentas e conselhos de profissionais da área que podem ser úteis nesse processo educativo.

As crianças, por exemplo, são reconhecidas, entre muitas outras características, pela facilidade de acreditar e confiar. O próprio Jesus ressaltou que essas qualidades são indispensáveis



àqueles que almejam a eternidade: “Em verdade lhes digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele” (Mc 10:15). Na primeira infância, a imaginação e o pensamento concreto ainda estão em formação. Por isso, nesses primeiros anos, elas devem ouvir as histórias da Bíblia. É fascinante para elas escutar, por exemplo, que Daniel esteve na cova com os leões, e que, ao orar, Deus o livrou da morte (Dn 6:1-28). Também é incrível para elas ouvir a respeito de Moisés, um senhor de aproximadamente 80 anos que, com uma simples vara em suas mãos, abriu o Mar Vermelho (Êx 7:7, 14:1-31). Cada uma dessas histórias vai construindo na mente da criança a realidade de quem é Deus e do que Ele é capaz de fazer. Com razão, Salomão diz: “Ensine a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele” (Pv 22:6).

Mudanças na fé

No entanto, essa facilidade de crer vai se perdendo com o passar do tempo. Mas, em realidade, as crianças perdem a fé em Deus ou elas vão mudando sua forma de crer? Eu me inclino mais para a última alternativa. Não devemos esquecer que nossas crianças estão em constante crescimento e adaptação, e essas mudanças incluem a fé em Deus e em como O enxergam. Cada criança experimentará a salvação e o amor de Deus de um modo diferente.¹ Por isso é fundamental entender cada etapa pela qual elas passam para que, não importa o papel que tenhamos, possamos ajudá-las a ter um crescimento equilibrado, com cuidados específicos e direcionados em todos os âmbitos, prestando maior atenção à dimensão espiritual.

Para tanto, gostaria de convidá-lo a conhecer a análise dos professores V. Bailey Gillespie e John Westerhoff III, os quais adaptaram os estágios de crescimento de Jean Piaget (e o ensino de outros psicólogos) à experiência religiosa das crianças e dos adolescentes. Conhecer os estágios

ou estilos da fé das crianças nos mostrará como podemos ensiná-las a respeito de Deus de acordo com a fase em que estão. Em resumo, esses autores expõem que as crianças em idade precoce e pré-escolar vivem a fé através de seus pais. Bailey chama esse estágio de “Fé Emprestada”. Quando as crianças se sentem amadas e queridas, interpretam que esse Deus de quem lhe falamos as ama também. Em seguida, vem a etapa chamada “Fé Afiliada”, típica do fim da infância e do início da adolescência. Nesse período, a fé se desenvolve nos ambientes da igreja e da escola, por meio do relacionamento dos adolescentes com seus pais. Nessa fase, eles estão buscando a identidade pessoal e a aprovação dos outros. Por isso, a igreja desempenha um papel fundamental nesse período na vida dos nossos filhos, especialmente em relação às amizades. Já a adolescência tardia e a juventude são etapas de questionamentos da fé e da própria existência, fase na qual nossos jovens precisam experimentar a fé por si mesmos. Nesse período, talvez mais do que todos os demais, eles precisam ser ouvidos. Essa etapa termina na idade adulta, na qual o indivíduo amadurece de forma plena e se faz responsável por sua fé.²

Como você tem lidado com as novas gerações em cada uma dessas fases? Que tipo de influências seus filhos têm recebido na igreja e na sociedade em geral?

Áreas de aprendizagem

Uma pergunta que sempre surge é: Como podemos “alimentar” esses estágios ou estilos de fé das crianças? Para responder a essa importante questão, vamos analisar os quatro “Ss” da escritora Barbara J. Fisher: situar, saber, sentir e servir.³ Abarcaremos essas quatro áreas de aprendizagem que são fundamentais à fé e que podem ser adaptadas em casa, na escola e na igreja. Vejamos brevemente o que dizem esses conceitos.

Situar (aprendizagem histórica). Ajudar as crianças a compreender o contexto em que se desenvolveram os fatos bíblicos e

também ajudá-las a ver como a Bíblia é parte da história. De acordo com a idade das crianças, mostrar-lhes algumas propostas nas quais podem explorar a geografia, a localização e o ambiente cultural. Alguns recursos que podem ser usados são mapas, excursões a museus e reprodução de costumes da época em que a Bíblia foi escrita.

Saber (aprendizagem mental). Dar respostas de quem é Deus, como Ele é, e o que é a verdade. Esse aprendizado se concretiza por meio do estudo da Bíblia e também por meio de atividades que envolvem o conteúdo bíblico. A interação constante com as histórias faz com que o conhecimento de Deus seja vivo, relevante e atual na mente das crianças. Para esse ponto é fundamental continuar implementando o culto familiar e as dinâmicas bíblicas na igreja e na escola.

Sentir (aprendizagem emocional). Devemos motivar as crianças a viver uma experiência pessoal e íntima com Deus, envolvendo-as em atividades nas quais elas aprendam a orar e expressem seus sentimentos a Deus. É importante também ajudá-las a memorizar textos da Bíblia que apresentam Deus como um Pai bondoso que escuta e responde nossas orações. Por isso é fundamental envolver as crianças e adolescentes em nossos cultos, a fim de ensiná-los a buscar o relacionamento com Deus de maneira pessoal, sem depender dos pais ou professores.

Servir (aprendizagem prática). É preciso também envolver as crianças a experimentar sua fé de modo tangível, prático e intencional. Afinal, aprendemos 95% a mais quando ensinamos aos outros. A prática do ensino ajuda as crianças a compartilhar com seus pais suas experiências de fé com Deus e, assim, saírem mais fortalecidas espiritualmente. Não importa a idade da criança ou adolescente – é preciso que eles entendam o significado da missão e da importância de pregar o evangelho a outros. Envolvê-los em missões no bairro em que vivem ou até em lugares mais distantes é uma excelente iniciativa.

Outros conceitos

Permita-me ainda acrescentar dois conceitos usando a terminologia de Barbara J. Fischer. Embora possam estar entrelaçados em alguma dessas quatro áreas apresentadas, quero ressaltá-los porque acredito que podem nos enriquecer ainda mais. São estes: segurança e seguir.

Vamos analisar o primeiro. A segurança emocional é fundamental para o desenvolvimento equilibrado das crianças. Esse é um aspecto que deve ser trabalhado diariamente. Damos segurança emocional ao escutar, ao validar os sentimentos e as emoções, ao fazer o uso correto da disciplina, ao dedicar qualidade e quantidade de tempo, ao cumprir aquilo que prometemos e ao dominar nosso caráter. Assim, fazemos-lhes sentir e ver que tudo pode mudar ao seu redor, menos o seu centro (Deus, família e igreja).

O outro conceito (seguir) vem como resultado do trabalho coerente e constante dos adultos na vida das crianças. Para os adultos desenvolverem a fé em Deus, é necessária uma compreensão ampla e profunda da Bíblia; mas não é assim com as crianças. Para que elas desenvolvam a fé e a sustentem ao longo da vida, precisam ver nos adultos a coerência e a prática dos princípios da Bíblia. Seguir o exemplo positivo dos pais e de outros líderes é o foco certo.

Ellen White escreveu sobre a essência do nosso papel na educação das crianças: “Vocês devem instruir, advertir e aconselhar, lembrando-se sempre de que o olhar, as palavras e as ações de vocês têm uma influência direta sobre o rumo futuro de seus queridos. A obra de vocês não consiste em formar uma bela figura pintada sobre a tela ou trabalhada no mármore, mas em imprimir a imagem divina na alma humana.”¹⁴

Cuidado adequado

Antes de finalizar este artigo, preciso dizer que gosto muito de orquídeas. No entanto, eu nunca pensei que fosse tão complicado cuidar de um tipo específico dessa flor, chamado *Phalenopsis*. O conceito que

a maioria das pessoas tem é que elas são muito delicadas e, ao mesmo tempo, difíceis de cultivar. Quando me animei e tive a minha primeira orquídea, quase a matei devido aos cuidados excessivos e inadequados. Um dos meus erros foi molhá-la constantemente, acreditando que era algo necessário, quando na realidade, esse processo devia ser abundante e frequente só no verão. Também coloquei fertilizante direto em suas raízes, ignorando o fato de que devia colocar pouco adubo na água de irrigação. Além disso, eu trocava o vaso e o substrato a cada dez dias, sendo que deveria deixar a flor tranquila até que se sentisse segura. Bem, minha vontade de ver a flor crescer foi completamente prejudicial. Finalmente, a condenei a viver na escuridão quando, em realidade, ela necessitava de luz solar para viver.

Depois dessa tortura, decidi que deveria estudar melhor esse tipo de planta. Eu sei que deveria ter feito isso antes de comprar a flor, mas antes tarde do que nunca! Pude estudar cada aspecto sobre ela. Agora sei que os cuidados são mais simples e específicos do que eu podia imaginar! A orquídea só necessitava de cuidados pontuais e direcionados de acordo com a época do ano: umidade adequada, luz solar não direta, fertilizante específico para orquídeas, troca de substrato pelo menos a cada dois anos, limpeza de raízes podres e um tutor para ajustar a vara floral verticalmente para que, ao florescer, a planta não sofresse com o peso das flores. Com esses cuidados, a planta pôde crescer de modo saudável e durar muitos anos.

Um aspecto fundamental que quero ressaltar é que suas raízes devem sentir-se seguras no vaso ou na árvore em que estão plantadas. Sem essa segurança, elas não poderão crescer e muito menos florescer. Há um ditado popular entre os amantes desse tipo de plantas que diz: “Orquídea que se move, orquídea que morre.” A vida da planta dependerá de nossos cuidados. Se formos excessivos, prejudicaremos seu crescimento e será muito difícil reverter o dano. Se por outro lado formos

negligentes, suas folhas enfraquecerão e ela definhará até morrer.

O cuidado com uma orquídea pode ser aplicado ao desenvolvimento da fé das crianças. Se formos excessivos ou negligentes, não atendendo aos seus estágios de fé, corremos o risco de “afogá-las” ou “secá-las”. Ellen White escreveu: “A influência de um lar cristão cuidadosamente protegido nos anos da infância e da juventude é a mais segura salvaguarda contra as corrupções do mundo. Na atmosfera de um lar assim, as crianças aprenderão a amar tanto a seus pais terrestres como a seu Pai celestial.”¹⁵

Sejamos equilibrados, cuidemos do coração das crianças, alimentemos sua vida espiritual a cada dia, usemos palavras de amor e incentivo, limpemos as ervas daninhas que aparecem pelo caminho e deixemos que a luz do Sol da Justiça ilumine sua vida para que, a cada dia, essa “flor” cresça mais firme na Palavra de Deus.

Ele nos chamou a ser mentores de nossas crianças, para influenciar com nosso exemplo e com a inteligência dada pelo Céu. Guiá-las com amor em cada uma de suas etapas de crescimento é a nossa função. Recordemos que, ao sermos chamados por Deus para essa nobre missão, também seremos capacitados por Ele. Somente no Céu veremos realmente os resultados de nosso trabalho com as novas gerações. **M**

Referências

¹ Donna J. Habenicht. *Como Ajudar seu Filho a Amar Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 42.

² Bárbara J. Fisher, *Niños con fe* (Florida: Asociación Casa Editora Sudamericana 2020), p. 69-71.

³ Fisher, *Niños con fe*, p. 55-58.

⁴ Ellen G. White, *Orientação da Criança* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 154.

⁵ Ellen G. White, *Mente, Caráter e Personalidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), v. 1, p. 160.

SOMALIA FERNÁNDEZ

professora de Psicologia
na Universidade Adventista
Dominicana



Aprenda mais sobre o contexto histórico de

Ellen G. White

+ de 1300 verbetes
que descrevem pessoas
e eventos na vida de
Ellen G. White.

Conheça
os hinos favoritos
de Ellen G. White e as
casas nas quais viveu.

Aprofunde
o seu conhecimento sobre
doutrina e teologia, estilo
de vida, eventos, lugares
e instituições.

Estude
a cronologia detalhada
da vida de Ellen G. White
e os artigos relacionados
ao seu ministério.



cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendementolivrarias@cpb.com.br



Baixe o
Aplicativo CPB



/cpbeditora



FUGINDO DE DEUS

Lições do chamado de Jonas

Heyssen Cordero Maraví

Os estudiosos reconhecem cada vez mais as narrativas hebraicas como escritos altamente sofisticados que refletem uma construção cuidadosa e bem pensada.¹ Nessa direção, Gerhard Hasel considera o livro de Jonas como único entre os livros proféticos da Bíblia, escrito no estilo de narração,² embora alguns teólogos proponham uma mescla de estilos devido à presença da oração no capítulo 2.³ Como as narrativas bíblicas são complexas e obras-primas de literatura, apesar de sua aparente simplicidade de expressão, Jonas não é exceção. Assim, podem-se notar quatro detalhes literários na narrativa de Jonas: (1) palavras repetitivas, (2) diálogos fluidos, (3) estrutura tipo espelho ou quiasmo e (4) ironia.⁴

Jonas era natural de Gate-Hafer, cidade que ficava no território da tribo de Zebulom, dentro das fronteiras do reino do norte. Ali ele profetizou sobre um novo ciclo de expansão de Israel sob o reinado de Jeroboão II (793-753 a.C.; ver 2Rs 14:23-27). Tradicionalmente, tem-se considerado que o próprio

Jonas tenha escrito o livro, o que traz maior curiosidade ao leitor, já que o uso de humor, sátira, ironia, absurdos e hipérboles é algo nítido no texto. Em outras palavras, Jonas foi irônico consigo mesmo. Portanto, trata-se de uma autobiografia de um anti-herói.

A “profecia” de Jonas é certamente a mais conhecida entre os cristãos, devido à simplicidade de sua narrativa e pelo caráter extraordinário dos detalhes de sua história.⁵ No entanto, tudo é estranho no livro: o chamado desafiador ao profeta, a reação de Jonas diante da missão, a conversão dos marinheiros, o aparecimento de um grande peixe, a sobrevivência de Jonas no ventre do peixe, o estranho sermão, a estranha conversão e o estranho desfecho. Esse é o enredo “estranho” de uma grande história. Dentro desse contexto, Jo Davidson salienta que a expressão “grande” aparece 38 vezes na narrativa,⁶ o que realça as ironias decorrentes do envolvimento de Deus na vida do profeta.

A narrativa começa com o chamado de Deus a Jonas: “Levante-se, vá à grande

cidade de Nínive e pregue contra ela” (Jn 1:2). O verso 3 destaca a resposta do profeta: “Jonas se levantou, mas para fugir da presença do Senhor.” Claramente se vê aqui um contraste marcado entre o que Deus quer e o que faz o profeta Jonas. Esses três primeiros versos do livro concentram grande riqueza teológica, a qual será nosso objeto de estudo neste artigo.

Iniciativa divina

O livro de Jonas começa dizendo: “A palavra do SENHOR veio a Jonas, filho de Amitai” (v. 1). O nome Amitai vem da raiz hebraica *emeth*, que significa “verdade”, “fidelidade”. A pergunta básica é: Por que a palavra do Senhor veio a Jonas, o “filho da verdade”? A questão sugere uma resposta lógica, mas é mais profunda do que se lê. Deus é soberano e conhece o ser humano. O fato de o nome “Jonas” ser pronunciado pelo Senhor indica que Jonas tinha um Deus pessoal – não como em outras culturas, com seus deuses distantes, desinteressados no ser humano e vivendo em

dimensões desconhecidas. Em vez disso, o Senhor (no texto hebraico aparece o termo YHWH, o nome de Deus usado no contexto da aliança) chama o profeta pelo nome, e não só menciona o nome, mas destaca a família de Jonas. Ele é “filho de Amitai”, o que seria equivalente ao sobrenome hoje.

O primeiro verso de Jonas evidencia claramente o caráter missionário de Deus. É Ele quem toma a iniciativa. Não é o profeta quem procura um chamado, mas é o próprio Deus quem chama o profeta. E esse chamado não é aleatório, mas específico: “Jonas, filho de Amitai”, o que nos lembra mais uma vez que Deus nos conhece bem, desde sempre (Sl 139:13; ver Jer 1:5). Assim como identificou Samuel (1Sm 3:1-10), Davi (1Sm 16:1-13), a viúva de Sarepta (1Rs 17:8-16) e muitas outras personalidades bíblicas, Deus conhecia o filho de Amitai e sabia quem ele era, onde vivia e quais capacidades possuía. Deus sabia que Jonas tinha condições de cumprir a missão.

Caráter da missão

Podemos observar em Jonas 1:2 uma sucessão de três verbos imperativos, os quais denotam o caráter da missão:

Levante-se. Esse não é um chamado leve nem passivo, mas uma ordem forte, dada com senso de urgência. É um chamado a “levantar-se”, assim como Deus Se levanta em defesa de Seu povo (Dn 12:1). Nínive está em apuros, nela há muita maldade e esse pecado subiu até a presença de Deus, o qual não pode suportar o mal. É por isso que Ele recorre ao ser humano como Seu agente de evangelismo e de transformação. Podemos notar aqui um Deus preocupado e até “desesperado” pela maldade de Nínive. Ele faz um chamado veemente ao instrumento humano e espera que esse convite seja correspondido à altura.

Vá. Também denota “viajar”, “caminhar”, ou seja, “ir de um lugar ao outro” em qualquer forma de transporte (2Rs 7:14). Além disso, podemos notar na LXX que o verbo “vá!” (Πορεύθητι) é o mesmo usado no NT no contexto de ir pregar ou cumprir a missão (Mt 8:9; Lc 7:8; At 9:11; 28:26). Claramente, o

termo expressa movimento. Afinal, não dá para pregar em Nínive sentado no conforto de Gate-Hafer. Jonas precisava sair de sua comodidade para empreender uma caminhada, uma viagem e, assim como o chamado a levantar-se, essa jornada também era urgente. A missão, portanto, não é um empreendimento que se faz sentado ou estático.

Pregue. Com esse verbo no imperativo Deus está dizendo ao profeta o que ele deve fazer em Nínive, a grande cidade corrupta. Jonas tem que pregar, proclamar o evangelho e chamar a atenção das pessoas, afinal, elas estão distraídas ou cegas devido às suas maldades. O interessante é que, se o chamado é imperativo, a ação de Jonas também deve ser. Jonas deve pregar com sentido de urgência, pois a cidade não tem muito tempo: só “40 dias e 40 noites”. Isso nos leva a refletir que, junto com o chamado e a missão, existe um tempo decrescente de graça (Gn 6; Ap 14:6-18), ainda que muitos não o reconheçam. A pregação tem um tempo, e esse tempo só Deus conhece.

Portanto, ao longo das Escrituras, não existe chamado sem missão, nem missão sem chamado.⁷ Vemos esse paradigma em Noé (Gn 6), Abraão (Gn 12), Moisés (Êx 3), entre muitos outros casos. Assim, a missão em Jonas é a combinação de três verbos imperativos: Levante-se + vá + prega = Missão.⁸

Motivo do chamado

A razão de Deus chamar Jonas está na segunda parte do verso 2: “Porque a sua maldade subiu até a Minha presença.” O chamado de Jonas responde a uma realidade, a um circunstancial de causa: a maldade diante de Deus. O termo maldade aqui significa “miséria”, “pecado”, “perversão”, “crime” e aparece em outros textos do AT (Et 9:2, Jr 1:6, Lm 1:2, Os 7:2, Jl 4:13). Essa maldade subiu diante do “rosto” ou da “presença” de Deus, o que nos leva a outras passagens de situação semelhante, tais como a maldade da Terra no tempo de Noé (Gn 6:5, 11) e o clamor de Israel no Egito no tempo de Moisés (Êx 3:7-9). Em todos os casos, Deus não agiu com as próprias mãos, mas chamou mensageiros para pregar: Noé pregou durante 120 anos, Moisés

exortou pessoalmente o rei do Egito e, no caso de Jonas, o profeta pregou uma mensagem de juízo em Nínive. Portanto, a razão pela qual Deus chama a “levantar-se, ir e pregar” é para que se cumpra a missão. Não haveria “missão” se não houvesse maldade, ou seja, a missão existe porque existe o pecado (Gn 3). No chamado de Jonas encontramos a teologia da missão: tendo em conta que a missão existe porque existe o evangelho, e a existência do evangelho ocorre por causa da entrada do pecado.⁹ Em todos esses exemplos, vemos que Deus não quer que “ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento” (2Pe 3:9).

Resposta do profeta

Em Jonas 1:3, encontramos Jonas respondendo ao chamado divino, não com palavras, mas com uma atitude. Diante do chamado “levanta-te, vá e prega!”, Jonas “se levantou” (v. 3). O verbo para descrever a ação de Jonas é o mesmo usado por Deus ao chamá-lo. Aparentemente, o profeta obedeceu. No entanto, o verso complementa: “mas para fugir da presença do Senhor, para Társis” (v. 3). Jonas se levanta “para fugir”! A raiz verbal da palavra tem que ver com “escapar” (Gn 31:27, Êx 36:33, Jn 4:2), em um sentido de “correr por sua vida” ou “querer ser livre”. O que Jonas está fazendo não é simples. Ele está fugindo por sua vida, pois sabe que o chamado que lhe foi dado é urgente, imperativo e sério. O livro não registra um diálogo tal como ocorreu com Moisés em Êxodo 3 ou com Gideão em Juízes 6. A única coisa que o livro apresenta é um profeta levantando-se para escapar para Társis, um porto fenício que ficava em uma direção totalmente oposta à de Nínive. Mais do que fugir da missão, Jonas queria fugir de Deus. Algum tempo depois, Jeremias escreveu sobre a impossibilidade de se esconder de Deus (Jr 23:24).

Escapar de quem? Escapar de quem o chamou. O texto revela que o profeta dá as costas não apenas ao chamado de Deus, mas ao próprio Deus. Afinal, como já mencionamos, a missão não nasce no ser

humano, mas no coração de Deus; Ele é o responsável pela missão. Assim como a maldade sobe até a “presença do Senhor”, assim também Jonas foge – ele escapa da “presença do Senhor”. Justamente, essa frase “diante da presença do Senhor” se repete três vezes: a primeira quando as maldades de Nínive subiram diante da “presença do Senhor” (v. 2c) e as restantes enfatizando a fuga “da presença do Senhor” (v. 3a, c). O que Deus faria ao profeta pela fuga declarada? Possivelmente Jonas pensasse que Deus o mataria ou que enviaria outro profeta em seu lugar.

Consequência da fuga

O verso 3 destaca a presença do verbo descer em duas oportunidades: quando “desceu a Jope” e quando desceu para o navio. A palavra “descer” significa “fazer um movimento linear de uma elevação mais alta para uma mais baixa”.¹⁰ Em um sentido mais profundo da palavra, sempre que alguém desce de um lugar alto para baixo, tem implicações espirituais que vão além de caminhar ladeira abaixo: pode assinalar fracasso espiritual, e isso ocorre simplesmente por não se fazer a vontade de Deus. Alguns exemplos nos mostram essa premissa: Abrão e sua esposa desceram ao Egito em busca de alimentos (Gn 12:10), Moisés, do monte Sinai, desceu ao cenário do bezerro de ouro (Êx 32:15), Sansão desceu para o território filisteu (Jo 14:1), Saul desceu a Gilgal (1Sm 15:12) e Davi foi para o deserto de Parã (1Sm 25:1).


No caso de Jonas, o sentido dessa palavra o acompanhou muito bem. O profeta desceu quatro vezes no mesmo período do livro (1:1–2:10). Nenhuma outra pessoa na Bíblia hebraica experimentou uma “descida” em três etapas (1:3a, 1:3b e 2:6) como resultado de rejeitar o chamado de Deus para cumprir a missão. Na quarta vez, a Bíblia faz um trocadilho, afirmando que Jonas desceu para um “sono profundo” (*vayeiradam*). Parece que “descer” era o único verbo que constava no diário de bordo de Jonas. É o verbo contraposto ao “ide” de Deus. Isso é o que acontece quando alguém recusa o chamado divino para a missão: ele desce.

Conclusão

A atitude do profeta é contrastada com a dos demais personagens do livro. De todos os seres e coisas mencionados – a tempestade, o sorteio, os marinheiros, o peixe, os ninivitas, a planta, a lagarta e o vento leste –, o profeta é o único a se recusar a obedecer a Deus. Enquanto Jonas é insensível e nada misericordioso, Deus mostra Seu grande amor e graça pelos perdidos. Em pelo menos dois momentos, Jonas menciona a misericórdia divina (Jn 2:8; 4:2). O termo hebraico traduzido como “misericordioso” é *hesed*, o mais frequente substantivo para “amor” no AT (aparece mais de 250 vezes),¹¹ termo que está intimamente associado ao conceito de amor divino por Israel. Embora Jonas reconheça a misericórdia de Deus pelos pecadores, ele não a aceita.

Deus escolhe Nínive como um campo missionário, sendo que ela era uma cidade grande, do mesmo tamanho ou maior que sua maldade. A conversão dos marinheiros e ninivitas é uma chamada de atenção a Israel que, não sendo um povo tão mau como os ninivitas, não se arrepende e não obedece à Palavra de Deus. Os marinheiros e ninivitas, sim! Na verdade, quem precisava de conversão era o próprio profeta, o mensageiro da graça.

Jonas representa a atitude do povo de Israel, chamado desde o início a cumprir a missão. Infelizmente, a nação não compreendeu isso, assim como o profeta Jonas. Talvez motivado por seu zelo nacionalista ou pela pouca experiência como evangelista em um lugar desconhecido, Jonas demonstrou desgosto pela misericórdia divina em favor dos gentios. Enquanto Moisés intercedeu pelo povo e em seguida adorou a Deus, Jonas pregou ao povo e depois praguejou por causa do livramento. Ao citar Êxodo 34:6, 7 (ver Jn 4:2), o profeta repreende a Deus por ter poupado os ninivitas da destruição. Jonas vê a compaixão de Deus como algo negativo. Com este comportamento, Jonas admitiu que a fuga deliberada para Târsis ocorreu justamente porque ele não queria que os ninivitas fossem salvos do julgamento.

Como vimos, o livro de Jonas é notavelmente evangelístico e missionário. É Deus quem propicia o plano de ação e usa Jonas como Seu mensageiro. Como poderíamos negar o caráter missionário do livro de Jonas com todos esses elementos? Não se pode dizer que a mensagem de Jonas não tem “evangelho” porque anuncia destruição, já que o verdadeiro evangelho está imerso em uma mensagem de juízo. Foi a bondade do Senhor que convidou Jonas a cumprir a missão, bem como a salvar os ninivitas do juízo divino. Infelizmente, o profeta de Israel não aceitou a noção de que a graça divina é aplicada a todos aqueles que aceitam firmar um concerto de salvação com Deus, não importa a nacionalidade. E você tem cumprido sua missão? 

Referências

- ¹Jo Ann Davidson, *Jonah: The Inside Story* (Hagerstown, MD: Review and Herald Publisher, 2003), p. 21.
- ²Gerhard F. Hasel, *Jonah: Messenger of the Eleventh Hour* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1973), p. 7.
- ³Juan Calvino, *Comentario sobre Jonás* (San José, Costa Rica: Sola Scriptura, 2007), p. 17.
- ⁴Davidson, *Jonah: The Inside Story*, p. 23–29.
- ⁵Carroll Gillis, *El Antiguo Testamento: Un Comentario Sobre Su Historia y Literatura* (El Paso, TX: Casa Bautista De Publicaciones, 1991), 5:169.
- ⁶Davidson, *Jonah: The Inside Story*, p. 45.
- ⁷Jirí Moskala, “Misión en el Antiguo Testamento”, em *Mensaje, Misión y Unidad de la Iglesia* ed. Ángel Manuel Rodríguez (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2015), p. 63.
- ⁸Segundo Steven Thopson e Borge Schantz, aparecem sete vezes na Bíblia este tipo de chamado (“levantar-se, andar e pregar”): A Moisés, Balaão, Elías, Jeremias, moradores de Samaria e Jerusalém, e duas vezes ao profeta Jonas. Ver Steven Thopson e Borge Schantz, *Misioneros Bíblicos* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2015), p. 32.
- ⁹George W. Peters, *A Biblical Theology of Missions* (Chicago, IL: Mody Press, 1984), p. 15.
- ¹⁰J. Swanson, “דָּרַג” em *Diccionario de Idiomas Bíblicos: Hebreo* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2014).
- ¹¹John D. Barry (ed.), *The Lexham Bible Dictionary* (Bellingham: Lexham Press, 2016).

HEYSEN CORDERO MARAVI

Líder de Ministério Pessoal,
Escola Sabatina e Evangelismo
da União Peruana do Sul



O CENSO DE DAVI

O significado de *satan* em 1 Crônicas 21:1

Edcarlos Menezes



A passagem de 1 Crônicas 21:1 é considerada uma das mais difíceis da Bíblia. Ela introduz a narrativa do pecado de Davi ao ordenar um censo da nação de Israel. O texto declara: “Então Satanás se levantou contra Israel e incitou Davi a levantar o censo de Israel.” O cronista parece contradizer o relato paralelo em 2 Samuel 24:1 que diz: “Mais uma vez a ira do SENHOR se acendeu contra os israelitas, e Ele incitou Davi contra eles, dizendo: ‘Vá e levante o censo de Israel e de Judá.’” Quem, de fato, incitou Davi a realizar o censo? Deus ou Satanás? Seria essa uma contradição bíblica? Por que esse ato do rei foi tão ofensivo a Deus? Este artigo visa responder a essas perguntas.

Principais interpretações

Os estudiosos têm-se esforçado para explicar adequadamente a relação entre essas duas passagens. Três abordagens

se destacam e serão brevemente analisadas a seguir.¹

Abordagem redacional. A abordagem redacional busca explicar as diferenças entre esses textos em termos de desenvolvimento literário. Assim, não há contradições entre eles, uma vez que a versão do cronista representa uma segunda redação ou correção de 2 Samuel 24. O teólogo Henry Smith sugere que o cronista não pretendia dar outra perspectiva sobre o mesmo evento, mas uma nova explicação do próprio evento. Ele reescreveu a história a partir de uma posição teológica diferente.² Evellyn Tollerton, por sua vez, vê conexões intertextuais entre 1 Crônicas 21 e Números 22 (neste texto, Deus envia o anjo de YHWH como um adversário [*satan*]). Assim, 2 Samuel 24:1 e 1 Crônicas 21:1 e 2 concordam que Deus estava irado e Se levantou como *satan* contra Israel, incitando Davi a levantar o censo. O cronista, então, teria alterado o material para se adequar à sua teologia.³

Abordagem harmonística. Essa abordagem defende que os textos não estão em contradição. Gleason Archer propõe que, se forem vistos da perspectiva correta, “ambos relatos são verdadeiros, uma vez que tanto Deus quanto Satanás tiveram sua parcela de influência sobre Davi”.⁴ Na mesma linha interpretativa, Koranteng-Pipim declara que essas duas passagens, vistas a partir do contexto mais amplo das Escrituras, não se contradizem, mas se complementam ao declararem que tanto Deus quanto Satanás são responsáveis por incitar Davi a realizar o censo, uma vez que, “no pensamento hebraico, o que Deus permite Ele faz”.⁵

Abordagem exegética. O problema com as abordagens acima é que elas não encontram apoio no contexto da passagem e geram vários problemas teológicos. A maioria dos que advogam a abordagem redacional não reconhece a inspiração divina da Bíblia e trata o texto bíblico meramente como mais um entre outros do

Antigo do Oriente Próximo. A abordagem harmonística, por outrolado, fundamenta-se no conceito de inerrância bíblica. Sua explicação de que tanto Deus quanto Satanás incitaram Davi levanta sérios questionamentos sobre como Deus lida com a questão do mal. Por essa razão, os eruditos bíblicos tendem a abandonar qualquer esforço sério para interpretar esses textos com base nessas abordagens. Pesquisas mais recentes na área da exegese intrabíblica proveem suporte para uma abordagem mais exegética do texto. A análise a seguir exemplifica essa abordagem.

Análise intrabíblica

A exegese intrabíblica é uma forma de analisar textos bíblicos que interpretam ou evocam outros textos das Escrituras.⁶ De acordo com Yair Zakovitch, “nenhuma unidade literária na Bíblia está sozinha, isolada e independente, sem nenhum outro texto extraído de seu reservatório e lançado sob uma nova luz”.⁷ Embora essa declaração pareça exagerada, é evidente que os escritores bíblicos posteriores foram influenciados por escritos bíblicos anteriores.

O escopo deste artigo não permite explorar os princípios do método de análise intrabíblica, mas um princípio deve ser ressaltado. Quando os escritores bíblicos posteriores reutilizam escritos bíblicos anteriores, eles atuam como exegetas e teólogos, mantendo-se fiéis ao significado original das passagens usadas, mesmo quando sob inspiração divina desdobram, por diversos meios, o significado adicional dessas passagens para seus próprios tempos.⁸ Esse é o caso do uso que o cronista faz do relato de Samuel para o censo de Davi.

Contextualização

Existem diferenças contextuais envolvendo os livros de Samuel e Crônicas.⁹ O primeiro livro é do período anterior ao exílio babilônico, enquanto o segundo é do período posterior. Enquanto o autor de Samuel se preocupou com

o desenvolvimento inicial da monarquia israelita, o de Crônicas sentia a necessidade de estabelecer uma identidade ao grupo étnico e religioso que, em parte, habitava novamente em sua terra, mas, em outra parte, ainda se encontrava na dispersão. Ele queria que os judeus pós-exílio aprendessem que o governante de seu povo continuava sendo o próprio Deus.

O relato do censo de Davi e de suas consequências é um dos exemplos no qual o cronista se vale da história de Israel para ensinar verdades importantes aos seus leitores. Ele analisou cuidadosamente a história sagrada e selecionou eventos específicos a fim de cumprir tal propósito.¹⁰ Sua versão da causa do censo não representa um novo sentido, mas é, de fato, o significado que ele viu ao interpretar o relato de 2 Samuel 24 a partir de seu entendimento da história deuteronomista, a qual inclui o Pentateuco e os livros de Josué, Juizes, Samuel e Reis.

A diferença-chave entre 2 Samuel 24:1 e 1 Crônicas 21:1 e 2a está no enunciado introdutório de 2 Samuel: “Tornou a ira do SENHOR a acender-se contra os israelitas.” Esse enunciado e seus cognatos são comuns na história deuteronomista, a qual serviu de fonte historiográfica para o cronista. Alguns textos são exemplos disso (Jz 2:14; 3:8; 10:7; 2Rs 13:3). Essas passagens sugerem que, quando a ira do Senhor se acendia contra Israel, Ele os entregava aos seus adversários militares. Então, se o cronista estava buscando uma equivalência interpretativa para a frase: “A ira do SENHOR se acendeu contra Israel”, dentro do contexto maior de suas próprias fontes bíblicas, o sentido que ele teria encontrado seria exatamente o visto nos textos bíblicos acima, ou seja, a ameaça de invasão por potências estrangeiras. Assim, ele teria lido 2 Samuel 24:1 como uma declaração abreviada de que Deus, em cumprimento às estipulações da aliança, permitiu que um inimigo militar se levantasse contra Israel.

O significado de *satan*

Essa conclusão lança luz no debate sobre o significado de *satan* no contexto dessa passagem. Nielsen afirma que esse substantivo provavelmente deriva do verbo *satan* cujo sentido básico é “ser hostil” ou “opor-se” a alguém.¹¹ O substantivo, portanto, significa “adversário” e pode se referir tanto a um ser natural quanto sobrenatural.¹² Há 33 ocorrências de *satan* na Bíblia hebraica. Dessas, em 16 ele aparece acompanhado do artigo (*hassatan*) – 14 estão no livro de Jó (1:6-9, 12; 2:1-4, 6, 7), e 2 em Zacarias (3:2). Nessas ocorrências, a referência explícita é a Satanás, o adversário de Deus e do Seu povo.¹³

É comumente aceito que *satan*, sem o artigo, deve ser vertido como Satanás no texto sob análise. Entre as razões, alguns teólogos mencionam que, no momento da escrita de Crônicas, *satan* havia se tornado um substantivo próprio.¹⁴ Outra razão é encontrada no fato de que, em Crônicas, Satanás se levantou (*amad*) contra Israel e incitou (*sût*) Davi a pecar. Aécio Cairus nota que o uso do verbo *amad* com o substantivo *satan* também é encontrado em Zacarias 3:1. Em ambos os casos, ele estava se opondo ao povo de Deus. O verbo *sût* também aparece em conjunto com Satanás em Jó 2:3. Com base nisso, Cairus sugere que o autor de Crônicas era ciente das outras duas passagens e que sua compreensão de *satan* reflete o mesmo significado. Para ele, a presença ou ausência do artigo é irrelevante, porque *satan*, nessas duas outras fontes, designa um nome próprio.¹⁵

No entanto, é provável que a ausência do artigo esteja em contraste com todos os outros usos do termo e destinava-se a distingui-lo de Satanás, sempre escrito com um artigo na Bíblia hebraica. Por essa razão, Knoppers afirma que, se *satan* está sendo usado como um nome próprio em 1 Crônicas 21, esse é o único caso em toda a Bíblia hebraica em que o termo recebe tal denotação. Parece, portanto, preferível interpretar *satan* conforme a sua utilização normal do substantivo como indefinido.¹⁶

De fato, o uso anátró de *satan* no contexto de 1 Crônicas desempenha papel crucial na intenção do cronista de mostrar que, se o rei e seu povo não fossem fiéis à aliança, o reino cairia nas mãos de seus inimigos militares, conforme prescrevia a aliança (Dt 28:25). As consequências da infidelidade de Salomão demonstram esse ponto: “O SENHOR Se indignou contra Salomão, por desviar o seu coração do SENHOR, Deus de Israel, que lhe havia aparecido duas vezes e ordenado que não seguisse outros deuses. Ele, porém, não guardou o que o SENHOR lhe havia ordenado. [...] O SENHOR levantou um adversário [*satan*] contra Salomão, a saber, Hadade, o edomita, que era da linhagem real de Edom” (1 Reis 11:9-14).

O cronista entendia, baseado em sua compreensão da história sagrada, que a ira do Senhor contra Israel significou a ameaça de um adversário estrangeiro, que levou Davi a realizar o censo, com o fim de ampliar seu exército para a batalha e vangloriar pela abundância de homens disponíveis em suas fileiras.¹⁷ Ellen White sugere que esse era o propósito de Davi ao autorizar o censo: “Com o objetivo de estender suas conquistas entre as nações estrangeiras, Davi resolveu aumentar seu exército, exigindo trabalho militar de todos os que estivessem em idade adequada. Para levar isso a efeito, tornou-se necessário fazer o recenseamento da população.”¹⁸

Assim, quando “um adversário tomou sua posição contra Israel”,¹⁹ Davi não hesitou em levantar um censo para ampliar seu exército e fazer frente ao inimigo que o ameaçava. Foram o orgulho e a ambição que motivaram esse ato do rei. Segundo Ellen White, contar o povo nesse contexto “mostraria o contraste entre a fraqueza do reino quando Davi subiu ao trono e sua força e prosperidade sob seu governo. Isso teria a tendência de fomentar ainda mais a autoconfiança, que já era grande, tanto do rei quanto do povo”.²⁰ Nisso consistia o grande pecado tanto do rei quanto de sua nação. A realização de um censo

militar sem a aprovação divina expressava confiança no poder militar humano, configurando uma quebra do relacionamento da aliança com o Senhor e atraindo as inevitáveis consequências.

Conclusão

As narrativas de Samuel e Crônicas não se contradizem, como afirmam os críticos da Bíblia. O censo de Davi foi motivado por um inimigo militar de Israel que estava se tornando uma ameaça para a nação. Envaidecido por suas exitosas campanhas militares (1Cr 18–20), Davi se esqueceu da promessa de Deus, que dizia: “Quando saíres à peleja contra os teus inimigos e vires cavalos, e carros, e povo maior em número do que tu, não os temerás; pois o SENHOR, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, está contigo” (Dt 20:1). Essa era uma das lições que o cronista queria que os judeus aprendessem e é uma verdade que precisamos aprender hoje. Parece claro que o cronista procurava mostrar a seus compatriotas judeus as densas lições da graça e do julgamento de Deus na história de Israel. **IM**

Referências

- ¹ Ver John H. Sailhamer, “1 Chronicles 21:1 – A Study in Inter-Biblical Interpretation”, *Trinity Journal* 10 (1989), p. 34.
- ² Henry P. Smith, *A Critical and Exegetical Commentary on the Books of Samuel* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1992), p. 246; Roddy L. Braun, *Word Biblical Commentary: 1 Chronicles* (Dallas: Word, Incorporated, 2002), p. 216.
- ³ Evelyn Y. Tollerton, “God or Satan: A Literary Study of 1 Chronicles 21:1”. Tema apresentado em 10/2/2017 em uma das seções temáticas do *Seminary Scholarship Symposium* na Andrews University.
- ⁴ Gleason L. Archer (org.), *A Inerrância da Bíblia: Uma sólida defesa da infalibilidade das Escrituras* (São Paulo: Editora Vida, 2003), p. 101.
- ⁵ Samuel Koranteng-Pipim, “Who Incited David to Take a Census of Israel?”, em Gerhard Pfandl (ed.), *Interpreting Scripture: Bible Questions and Answers* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2010), p. 201, 202.
- ⁶ Steven L. McKenzie (ed.), *The Oxford Encyclopedia of Biblical Interpretation* (Oxford: Oxford University Press, 2013).
- ⁷ Yair Zakovitch, “Inner-Biblical Interpretation”, em R. Hendel (ed.), *Reading Genesis: Ten Methods* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010), p. 95, 96.

⁸ Richard M. Davidson, “Inner-Biblical Hermeneutics: The Use of Scripture by Bible Writers”, em *Biblical Hermeneutics: An Adventist Approach*, Frank M. Hasel (ed.) (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2020), p. 238; Abner Chou, *The Hermeneutics of the Biblical Writers: Learning to Interpret Scripture from the Prophets and Apostles* (Grand Rapids, MI: Kregel, 2018), p. 47-92.

⁹ R. C. Toniolo, “O Censo de Davi: O Mesmo Episódio na Voz de Outro Narrador”, *Cadernos de Pós-Graduação em Letras* 18 (2018), p. 232-244; Júlio P. T. Zabatiero, *Uma História Cultural de Israel* (São Paulo: Paulus, 2013), p. 229-265.

¹⁰ Isaac Kalimi, *An Ancient Israelite Historian*, p. 23-26; Kalimi, *Zur Geschichtsschreibung des Chronisten Literarisch-historiographische Abweichungen der Chronik von ihren Paralleltextrn in den Samuel- und Königsbüchern* (Berlin: De Gruyter, 2016).

¹¹ Ernst Jenni e Claus Westermann, *Theological Lexicon of the Old Testament* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1997), p. 1268, 1269.

¹² James Swanson, “שָׂטָן (*sātān*)”, *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains: Hebrew (Old Testament)* (Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997).

¹³ Wilhelm Gesenius e Samuel Tregelles, *Gesenius' Hebrew and Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures* (Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2003), p. 788; Walter Baumgartner, Ludwig Köhler, Johann J. Stamm, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament* (Leiden: Brill, 2001), p. 1316, 1317.

¹⁴ Noel Bailey, “David's Innocence: A Response to J. Wright”, *Journal of the Study of Old Testament* 64 (1994), p. 83-90; Roddy Braun, “1 Chronicles”, *Word Biblical Commentary* (Waco: Word Books, 1986), p. 216, 217.

¹⁵ Aecio E. Cairus, “1 Chronicles”, em *Andrews Bible Commentary*, Old Testament, Angel Manuel Rodriguez (ed.), et al. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2020), p. 536, 537.

¹⁶ Gary N. Knoppers, *1 Chronicles 10–29: A New Translation With Introduction and Commentary* (Londres: Yale University Press, 2008), p. 744.

¹⁷ O censo era o registro ou a enumeração do povo, geralmente feito com o propósito de recrutar homens para guerra ou para o recolhimento de impostos. A Bíblia hebraica menciona apenas cinco ocasiões em que um censo foi levantado entre os israelitas (Êx 30:11-16; 38:26; Nm 1-3; 26; 2Sm 24).

¹⁸ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 664.

¹⁹ Essa tradução de Knoppers reflete melhor o sentido do texto. Knoppers, *1 Chronicles 10–29*, p. 742.

²⁰ White, *Patriarcas e Profetas*, p. 664.

EDCARLOS MENEZES
pastor em Cuiabá, MT



DINHEIRO FÁCIL

O ato de planejar a vida requer a adoção de estratégias que visam ao presente e, sobretudo, ao futuro. A meu ver, existem três pilares substanciais e indissociáveis no planejamento da vida, sendo eles na seguinte ordem de importância: espiritual, familiar e financeiro.

Ao se dedicar em provisionar a vida, o indivíduo recorre a inúmeros aspectos. Entre eles, está a busca pelo conhecimento em suas diversas áreas: religioso, coletivo, acadêmico, comum ou científico, *networking*, conselhos e orientações, ou seja, uma gama de fontes que proporcionam um *background* seguro, objetivando uma melhor gestão da vida em todas as suas áreas.

Infelizmente, o aspecto financeiro é alvo de descaso ou desconsideração por parte de muitos. Além disso, a injusta associação das finanças com a avareza contribui para a perpetuação do ciclo de ignorância quando o assunto é educação e planejamento econômico. Essa má herança, que transcende épocas, deixa o legado do distanciamento do

conhecimento, o qual é útil em todas as etapas da vida, inclusive no planejamento sucessório.

Dentro desse contexto, é recomendável se despir da carga valorativa negativa que o assunto carrega, além de reunir informações seguras a respeito do tema. Esse exercício contribuirá para escolhas conscientes e responsáveis, blindando o indivíduo e seus familiares contra revezes financeiros e até contra investimentos irregulares e ilegais.

Além da falta de conhecimento sobre educação financeira, fatores como má administração, desemprego e escassez estimulam algumas pessoas a se associarem a promessas de elevada rentabilidade e ganho imediato. Isso pode resultar em um dos piores males dentro do tema ou até mesmo consistir em um erro ou ilicitude.

Alguns leitores poderiam questionar: “Então ganhos elevados *imediatos* são *errados* ou *ilícitos*?” Depende! Sem pretensão de esgotar o assunto, vamos refletir um pouco sobre isso, inclusive à luz da Palavra de Deus.

1

Investimento apropriado

A primeira coisa que todos precisam ter consciência é que a rentabilidade dos recursos é proporcional ao montante inicial em que se é investido. Outro fator imprescindível que merece análise é o critério “tempo”. O prazo final para colher o investimento será fundamental para apurar os frutos de tudo que foi investido. Quando analisamos o montante inicial *versus* o prazo, eis que surge o fator risco. Quanto mais arriscado ou agressivo for o investimento, ele pode gerar porcentagens maiores, baseadas no montante inicial aplicado, porém, sem a certeza da segurança.

Equacionar o trinômio *montante inicial, prazo e risco* requer estudo. Infelizmente, nem todos conseguem acesso a esse conhecimento. Então, o percurso supostamente mais fácil e rápido atrai com promessas de investimentos que “garantem” ganhos altos, rápidos e sem risco.

Um dos exemplos clássicos são os esquemas de pirâmides financeiras. Esse tipo de



“investimento” surge mascarado de ganhos rentáveis e rápidos, porém alheios aos critérios de legalidade. Lembrando que esse e outros investimentos considerados ilícitos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia condena veementemente em todos os sentidos.

E como podemos certificar se determinado tipo de investimento é apropriado? Todos os investimentos que *não* são regulamentados pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Banco Central, Superintendência de Seguros Privados (Susep), B3, Governo Federal, entre outros, podem ser descartados da lista de investimentos lícitos e seguros.

2

Plano financeiro


A educação financeira recomendada pela Igreja Adventista, como estilo de vida que os pastores, obreiros, líderes e membros devem ter, baseia-se em princípios da Bíblia e do Espírito de Profecia. Além disso, a igreja indica vários livros, revistas, cursos bíblicos e outros materiais que servem de subsídio para o

público interessado em obter noções de educação financeira.

Todos os pastores, obreiros e demais líderes devem ter um plano financeiro baseado, primeiramente, no princípio da adoração, que é o dízimo. Em seguida, deve vir a porcentagem da oferta e do pacto, se houver. Ademais, o pastor deve fracionar os custos fixos de subsistência familiar, ou seja, suas despesas fixas mensais. Finalmente, deve eleger uma quantidade sistemática para aplicar em investimentos diversificados. Esse modelo simples e objetivo será útil para o ministério e para a família pastoral, e contribuirá para uma vida com modéstia e segurança.

Uma abordagem homilética de Lucas 14:28-30 nos convida a refletir em determinados subsídios que devemos escolher visando a uma melhor segurança financeira, sobretudo por eleger as rotas de investimento, estudo, economia e dedicação que cada um, de acordo com sua realidade, precisará adotar. Em todas as etapas, o planejamento é fundamental. Jesus disse: “Pois qual de vocês, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro

para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não acontecer que, tendo lançado os alicerces e não podendo terminar a construção, todos os que a virem zombem dele, dizendo: ‘Este homem começou a construir e não pôde acabar’” (Lc 14:28-30).

Salomão também deixou diversos conselhos referentes à educação financeira e ao provisionamento da vida (Pv 16:8; 22:7; Ec 4:5; 5:13; 10:10). Em Provérbios 21:5, o sábio diz: “Os planos de quem é esforçado conduzem à fartura, mas a pressa excessiva leva à pobreza.” Com relação ao ganho fácil, Salomão acrescenta: “A riqueza obtida com facilidade, essa diminui, mas quem a ajunta pelo trabalho, esse a vê aumentar” (Pv 13:11). Que Deus nos dê forças e sabedoria para trabalharmos e adquirirmos os recursos financeiros – sem o uso de atalhos (2Ts 3:10; 1Tm 5:8). 

LEONARDO DE AGUIAR VIANA

advogado-geral da União
Leste Brasileira



MINISTÉRIO COMPARTILHADO

O papel do pastor e do ancião na igreja local

Osmar Borges

Ao longo das eras, Deus tem escolhido pessoas para cumprir funções específicas e tem concedido a elas, por meio da prática da imposição de mãos (Nm 8:10; At 8:19), a responsabilidade de preparar um povo para a volta de Jesus. O apóstolo Paulo escreveu: “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:11, 12).

Mesmo em uma rápida pesquisa bíblica, não é difícil identificar essas pessoas por meio das atividades que elas exerceram. No Antigo Testamento, por exemplo, após Deus instituir o sistema de sacrifícios ao fazer roupas de peles para Adão e Eva (Gn 3:21), coube aos patriarcas, profetas e reis a tarefa de dar a devida continuidade às orientações divinas referentes ao evangelho. Nesse período, vemos três funções desempenhadas pelos líderes espirituais escolhidos: 1) *sacerdote* – ministrava como intercessor entre Deus e Seu povo, atuando em questões espirituais (Nm 18:7); 2) *juiz* – ministrava como intercessor entre Deus e Seu povo, bem como entre o próprio povo em suas questões morais, civis e cerimoniais (Êx 28:30; Dt 17:12) e 3) *médico* – ministrava como intercessor em questões de saúde e higiene (Lv 13:2, 3).

No Novo Testamento, após a encarnação e ascensão de Cristo, a igreja se estabeleceu sob a liderança de pessoas constituídas por Jesus e pela própria igreja. Os apóstolos (Mc 3:14) se envolveram basicamente em duas atividades: 1) defender a fé, mantendo pura a doutrina ensinada pela igreja evitando, assim, a perda do foco na missão (1Tm 6:3-5; 2Tm 4:7; Tt 2:1, 7) e 2) expandir o reino, isto é, alargar as fronteiras do evangelho, alcançando o mundo inteiro (At 16:5; 18:11; 19:20; 28:31).

E na igreja adventista? Como funcionou essa divisão de funções em seus primórdios? Russel Burrill responde: “Como as igrejas locais não tinham pastores fixos, todo o dízimo era enviado para a manutenção dos implantadores de igreja e evangelistas, que estavam criando novos trabalhos. Igrejas estabelecidas não sentiam necessidade de um pastor; elas mantinham sua vida cristã sozinhas, exatamente como faziam os cristãos primitivos. Isso não foi um desenvolvimento acidental no adventismo, mas uma estratégia deliberada baseada em seus estudos do Novo Testamento.”¹

De acordo com Wellington Barbosa, Ellen White considerava que “o modelo itinerante [dos pastores] era um princípio ministerial no qual o pastor atuava como um evangelista plantador de igrejas, capaz de estabelecê-las na verdade, educá-las para o trabalho e supervisioná-las sem levá-las à dependência. De maneira especial, essas atribuições ficaram explícitas em seus escritos entre os anos de 1863 e 1901”.²

Após essa breve introdução e à luz dos ministérios nas épocas passadas, podemos agora levantar as seguintes questões: Quais são as atribuições dos pastores hoje? Que diferenças podem ser observadas entre o papel do pastor local e o papel dos anciãos?


Atribuições dos líderes

Imersos em uma grande quantidade de compromissos que roubam o tempo e até tiram, em certo sentido, a qualidade de vida, os pastores se dedicam integralmente às atividades gerenciais e administrativas, não só no aspecto religioso, mas também emocional do rebanho. Aliado a esse contexto, somam-se ainda as ocupações do cotidiano: questões financeiras, educação de filhos, cuidado com a saúde, entre outros. Observe o que escreveu Ellen White sobre essas demandas do

ministério: “Sobrecarregado, o pastor quase sempre fica tão atarefado que mal encontra tempo para examinar a si mesmo, a fim de verificar se está firme na fé. Bem pouco tempo lhe resta para meditação e oração. Em Seu ministério, Cristo ligou a oração ao trabalho. Noite após noite, Ele passou inteiramente em oração. Os pastores devem pedir a Deus que lhes conceda Seu Santo Espírito, a fim de que possam apresentar devidamente a verdade.”³ Como os pastores podem apresentar devidamente a verdade se há uma multiplicidade de tarefas diárias?

Tomando por base o texto de Efésios 4:11 que apresenta a diversidade dos dons divinamente concedidos ao corpo de Cristo (incluindo “apóstolos” e “pastores”), como poderíamos definir o papel desses dois ofícios? Em nossa realidade, quem deveria desenvolver o papel de apóstolo e o papel de pastor? Parece que o senso comum da igreja na atualidade é que os pastores devem ser aqueles que passaram quatro anos na faculdade de Teologia se preparando academicamente. Mas quem assumirá o papel de apóstolo – aquele que prega o evangelho aos perdidos?

Vamos recordar o que acontecia na igreja apostólica. Em seus primórdios, a igreja estabelecida por Cristo se confrontou com a clara necessidade de cuidar dos novos convertidos. Uma dessas tarefas era auxiliar as viúvas dos helenistas (At 6:1-7). Para fazer frente a essa demanda, os apóstolos tomaram a decisão de delegar a outros a responsabilidade de servir às mesas dessas mulheres. Ellen White comentou: “Convocando uma reunião dos fiéis, os apóstolos foram levados pelo Espírito Santo a esboçar um plano para otimizar a organização de todas as forças ativas da igreja. Os apóstolos declararam que havia chegado o tempo em que os líderes espirituais deveriam ser aliviados da tarefa de atender às necessidades materiais dos



O entendimento destes papéis – pastores distritais como apóstolos e pastores locais como anciãos – provocará na igreja atual o mesmo despertamento provocado na igreja apostólica: a liberação de talentos para o cumprimento efetivo da obra do Senhor.

pobres e de outros encargos semelhantes, de modo que pudessem estar livres para levar avante a obra de pregar o evangelho. 'Irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da Palavra' (v. 3, 4). Esse conselho foi seguido e, por meio de oração e imposição de mãos, sete homens escolhidos foram solenemente separados para seus deveres como diáconos.¹⁴

Essa sábia medida, apesar de aparentemente simples, trouxe grande resultado na expansão do evangelho e na consolidação da igreja apostólica, pois aliviou o trabalho dos apóstolos, liberando-os para pregar o evangelho em tempo integral. Além disso, capacitou outros homens para que, de igual maneira, também pregassem a palavra. Ellen White comentou: "Esse crescimento notável era o resultado tanto da maior liberdade assegurada aos apóstolos quanto do zelo e poder mostrados pelos sete diáconos. O fato de estes terem sido ordenados para a obra especial de cuidar das necessidades dos pobres não os excluía do dever de ensinar a fé. Ao contrário, foram amplamente qualificados para instruir outros na verdade e se empenharam na obra com grande fervor e sucesso."¹⁵

Isso nos ensina que os pastores devem ser "ministros" de ministros, ou seja, devem ensinar os membros da igreja a cumprir a missão. Ellen White comentou: "Pastores [...] cristãos têm uma obra mais vasta do que muitos têm reconhecido. Não lhes cumpre somente servir ao povo, mas ensiná-lo a servir. Não devem apenas dar instruções nos retos princípios, mas educar seus ouvintes a comunicar os mesmos princípios."¹⁶

Auxílio e cooperação

Essa parceria entre apóstolos e diáconos foi de fundamental importância não apenas para a tomada de decisões, mas também para blindar a igreja que dava seus primeiros passos. "Embora espalhados em um grande território, os grupos de cristãos eram todos membros de um só corpo; todos se moviam com ordem e em harmonia uns com os outros. Quando surgia dissensão em uma igreja local, como mais tarde aconteceu em Antioquia e outros lugares, e não conseguiam chegar a um acordo, não se permitia que os assuntos discutidos criassem divisão na igreja. Eram encaminhados a um concílio geral de todos os crentes, constituído de representantes designados pelas várias igrejas locais, com os apóstolos e anciãos nos cargos de maior responsabilidade. Assim, os esforços e planos de Satanás para atacar, esfacelar e destruir a igreja nos lugares mais distantes foram contidos pela atuação adequada de todos."¹⁷

Um exemplo clássico dessa parceria de sucesso entre apóstolos e pastores (comumente chamados de "anciãos") é a dupla formada por Paulo e Barnabé. Paulo foi chamado pelo próprio Cristo como apóstolo no caminho de Damasco (At 22), enquanto Barnabé foi escolhido pela própria igreja para desenvolver seu ministério (At 13:1-3). Sobre essa parceria, Ellen White escreveu: "Antes de serem enviados como missionários ao mundo pagão, esses apóstolos foram solenemente consagrados a Deus com jejum e oração e imposição de mãos. Assim eles foram autorizados pela igreja, não somente para ensinar a verdade, mas também para realizar o rito do batismo e organizar igrejas, achando-se investidos de plena autoridade eclesiástica."¹⁸

Devido à chegada de muitos novos convertidos, talvez a experiência de "partir do pão" fosse uma das mais simples questões comparadas à formação de liderança capaz de dar continuidade à missão, bem como desenvolver as atividades necessárias e a consolidação da nova igreja. "Como importante fator no crescimento espiritual dos novos convertidos, os apóstolos tiveram o cuidado de cercá-los com a salvaguarda da organização eclesiástica. As igrejas eram devidamente organizadas em todos os lugares da Licaônia e da Pisídia onde houvesse cristãos. Eram indicados oficiais para cada igreja, e ordem e sistema próprios eram estabelecidos para que se conduzissem todas as atividades pertinentes ao bem-estar espiritual dos fiéis."¹⁹

O papel do anciano

Os oficiais escolhidos para conduzir a igreja recém-formada desempenhavam a função de um pastor local e exerciam atividades que só poderiam ser bem-sucedidas se fossem realizadas por pessoas que estivessem próximas ao novo grupo. Assim sendo, os chamados apóstolos não conseguiriam atender sua tarefa apostólica de defender a fé e expandir o reino, devido às grandes distâncias a ser alcançadas. "A escolha de homens para tratar dos negócios da igreja, a fim de que os apóstolos

pudessem ficar livres para seu trabalho especial de ensinar a verdade, foi grandemente abençoada por Deus. A igreja crescia em número e em poder. 'A palavra de Deus se espalhava. Crescia rapidamente o número de discípulos em Jerusalém; também um grande número de sacerdotes obedecia à fé' (At 6:7).¹⁰

Esse é um assunto muito relevante. À medida que o tempo passa, temos dificuldades para manter a igreja no foco da grande comissão. O que parece é que estamos perdendo a compreensão acerca da importância dos dons. Ellen White escreveu: "Concluo, então, que a pregação e a fé do primitivo evangelho seriam sempre assistidas com o mesmo auxílio espiritual. A comissão dada aos apóstolos pertencia à era cristã, e compreendia toda ela. Consequentemente os dons foram perdidos apenas em virtude da apostasia, e serão revividos com o reavivamento da primitiva fé e prática."¹¹

Ellen White dedicou um capítulo inteiro no livro *Testemunhos Seletos*, volume 3, para deixar clara a ideia de que a igreja deve assumir seu papel de pastoreio, liberando assim os pastores distritais para se dedicarem à defesa da fé e à expansão do reino. Wellington Barbosa escreveu: "Uma síntese da compreensão de Ellen White quanto ao ancionato envolve as seguintes atribuições: supervisão, pastoreio, nutrição espiritual e educação (treinamento). Agindo dessa forma, o ancião estaria desempenhando seu papel no cumprimento da missão da igreja, permitindo ao ministro que alcançasse outros lugares, plantando novas igrejas e estabelecendo líderes que pudessem conduzi-las ao crescimento integral."¹²

Robert Michaelson acrescentou: "É possível que estejamos experimentando uma nova consciência da natureza da igreja como uma instituição ministerial, um corpo que ministra às necessidades do mundo por meio de todos os seus membros. O ministro pode ser líder, fonte de inspiração, organizador e administrador; mas, sozinho, ou mesmo com uma equipe, não

pode realizar o serviço que é a vocação da igreja. Exigências complexas e urgentes [...] trouxeram consigo uma consciência renovada do papel da igreja como um corpo ministerial em que tanto os ministros leigos quanto os ordenados são chamados como servos do evangelho, não apenas na igreja, mas também no mundo."¹³

Conclusão

Na atualidade, quem está desempenhando a obra do apóstolo e do ancião? O que nos parece é que aos pastores está sendo delegada a obra do ancionato da igreja, o que automaticamente os tem levado a relegar a segundo ou terceiro planos seu verdadeiro papel como apóstolos. Vejamos o que diz Ellen White: "Ao viajar pelo Sul a caminho das reuniões, vi uma cidade após outra, nas quais não foi feito nenhum trabalho. Por quê? Os pastores estão circulando entre as igrejas que conhecem a verdade enquanto milhares perecem sem Cristo."¹⁴ E ela continua: "Em vez de manterem os ministros junto às igrejas que já conhecem a verdade, digam os membros das igrejas a esses obreiros: 'Trabalhem pelas pessoas que estão perecendo nas trevas. Nós cuidaremos das atividades da igreja. Dirigiremos os cultos e, ao permanecerem em Cristo, manteremos a vida espiritual. Trabalharemos pelas pessoas que estão à nossa volta, e enviaremos nossas orações e ofertas para sustentar obreiros em campos necessitados e destituídos."¹⁵

Há pessoas que afirmam que o dom do apostolado foi restrito somente aos Doze, mas se pensarmos assim teremos pelo menos dois grandes problemas: 1) Com que autoridade Paulo reclama para si esse título se ele não esteve nesse seleto grupo? (1Co 1:1; 9:1; Cl 1:1; Ef 1:1; 1Tm 1:1; Rm 1:1; 2Tm 1:1, 11) e 2) a escolha de um outro nome (Matias) para suprir a ausência de Judas Iscariotes (At 1:15-26). Nesse caso, Pedro deixa bem claro que essa vaga precisava ser ocupada para que a obra não parasse de avançar. O Comentário Bíblico Adventista acrescenta: "Além dos doze, havia outros que, num

momento ou noutro, eram citados como apóstolos, mas que nunca foram considerados como pertencentes ao grupo escolhido e comissionado por Jesus (cf. Rm 16:7; 1Ts 2:6)."¹⁶

Creemos que o entendimento destes papéis – pastores distritais como apóstolos e pastores locais como anciãos – provocará na igreja atual o mesmo despertamento provocado na igreja apostólica: a liberação de talentos para o cumprimento efetivo da obra do Senhor: "Se os pastores saíssem do caminho, se eles fossem para novos campos, os membros seriam obrigados a levar as responsabilidades, e sua capacidade aumentaria pela prática."¹⁷

Referências

- ¹Russell Burrill, *Como Reavivar a Igreja do Século 21* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), p. 122.
- ²Wellington Barbosa, *As Duas Faces do Ministério* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020), p. 69.
- ³Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 65.
- ⁴Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 57.
- ⁵White, *Atos dos Apóstolos*, p. 57.
- ⁶Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 82.
- ⁷White, *Atos dos Apóstolos*, p. 61.
- ⁸White, *Atos dos Apóstolos*, p. 102.
- ⁹White, *Atos dos Apóstolos*, p. 118.
- ¹⁰Ellen G. White, *História da Redenção* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 182.
- ¹¹Ellen G. White, *Primeiros Escritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 135.
- ¹²Barbosa, *As Duas Faces do Ministério*, p. 89.
- ¹³Robert Michaelson, "The Protestant Ministry in America: 1850 to the Present", em Rex Edwards, *Um Ministério Para Todos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 64.
- ¹⁴White, *Evangelismo*, p. 265.
- ¹⁵White, *Evangelismo*, p. 266.
- ¹⁶Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 6, p. 1040.
- ¹⁷White, *Evangelismo*, p. 266.

OSMAR BORGES
pastor em Sorocaba, SP





Igreja Emergente

Carlos Flávio Teixeira (org.), Norte Teológico SALT-FAAMA, 2023, 175 p.

O movimento conhecido como “igreja emergente” surgiu como uma proposta de reconfiguração contextualizadora da religiosidade cristã no âmbito do protestantismo e evangelicalismo norte-americano. Tendo herdado cinco séculos de fragmentação eclesiológica, ele está fortemente motivado e focado em superá-la, engajando-se na teologia, na práxis e no ministério ecumênico. Embora esteja em seus estágios iniciais de desenvolvimento, já forneceu indícios suficientes de que não é simplesmente uma moda passageira, mas se reveste dos contornos de um novo modelo de cristianismo e de igreja, já bastante influente no neoevangelicalismo norte e sul-americano. A fim de examinar a natureza e refletir sobre os potenciais riscos das transformações propostas pelos adeptos desse modelo de igreja emergente, esta obra reúne estudos sobre o tema focando seu potencial impacto no meio adventista.

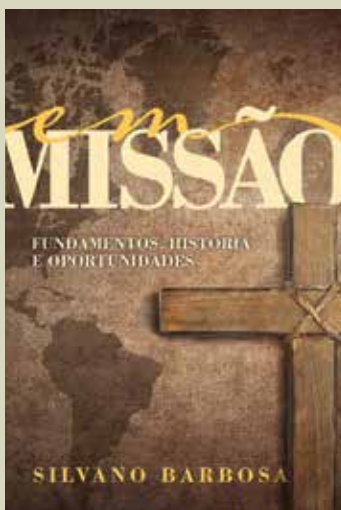


Heroínas de la Reforma

Sukeshinie Goonatilleke, Editora ACES, 2023, 214 p.

A Reforma foi liderada por homens como Lutero, Calvino e Zwinglio; mas também figuram nesse cenário algumas mulheres notáveis que fizeram a diferença no seu compromisso com a Palavra de Deus. Elas eram chefes de estado, escritoras, ativistas, poetisas e acadêmicas. Suas histórias são reais e inspiradoras. As oito mulheres que aparecem neste livro não só foram heroínas, mas também seres humanos de carne e osso que tiveram medos e entusiasmos, dúvidas e tentações.

Para todos os que se consideram filhos da Reforma, é vital aprender com as mulheres que ajudaram a conduzir esse movimento e deixaram um poderoso legado. *Heroínas de la Reforma* resalta algumas dessas heroínas, usando tanto detalhes históricos profundos como relatos emocionantes e cheios de ação. Sem dúvida, este livro vai inspirar você a defender a sua fé. Além disso, você verá que os líderes protestantes eram semelhantes a nós, com defeitos e virtudes, sonhos e fracassos.



Em Missão

Silvano Barbosa, UNASPRESS, 2023, 262 p.

Em Missão nos conduz a uma viagem inovadora pela missão de Deus revelada nas Escrituras, na história e nos contextos contemporâneos. Engajando o leitor em uma conversa animada sobre como participar da missão, Silvano Barbosa elabora ideias originais e reformula conceitos conhecidos para adicionar novos significados. A obra é fundamentada na percepção de que o Deus da Bíblia é um Deus missionário. As melhores estratégias missionárias vêm à superfície quando se observa o próprio Deus em missão.

O estilo prático torna a leitura um mirante para a apreciação de princípios perfeitamente aplicáveis às oportunidades missionárias atuais. Essencial para a missão, este livro pode ajudá-lo a servir a Deus do outro lado da rua ou do outro lado do mundo.

USO RESPONSÁVEL

Nas últimas décadas, a Inteligência Artificial (IA) foi desenvolvida a passos largos. O aparecimento recente da IA generativa, como o *ChatGPT*, mostrou o quanto essa área da tecnologia cresceu. Embora o ChatGPT tenha despertado a atenção do público para a existência da IA, não a trouxe para nossa vida diária. A IA já estava presente no corretor ortográfico, na pesquisa do *Google*, nos aplicativos de navegação, na *Siri* e na *Alexa*, na transcrição de voz para texto, nas redes sociais, nos jogos eletrônicos, no reconhecimento facial, nos filtros de *spam*, nos exames médicos e muito mais. Grande parte do conteúdo consumido na internet é, inclusive, fruto do algoritmo de IA, que prevê e sugere assuntos baseado nas últimas pesquisas dos usuários ou em tópicos relacionados.

Diante dessa nova realidade, pastores e líderes de igreja devem evitar os extremos. Criticar publicamente todas as formas de IA na igreja é problemático, especialmente porque muitos já utilizam alguma forma dessa tecnologia. O que pode-se dizer, então, do uso intencional da IA generativa no âmbito espiritual e eclesial? Quais são as implicações para o ministério pastoral?

Primeiramente, devemos estar cientes das possibilidades da IA generativa, ou seja, algoritmos que desenvolvem texto, imagens, códigos, áudios e vídeos. Por exemplo, a IA pode investigar temas bíblicos, criar gráficos, gerar perguntas para pequenos grupos e escrever blogs e roteiros de *podcasts*. Os membros da igreja também podem fazer aconselhamento espiritual nesse sistema.

Mas aqui vale a reflexão: Onde é que o computador obtém ou produz essas informações? Todos os modelos de IA generativa são treinados utilizando um conjunto específico de dados. Um exemplo é o ChatGPT. Quando lhe fazemos uma pergunta, ele prevê uma resposta que será satisfatória ao requerente de acordo com os parâmetros de consulta e com aquilo que considera satisfatório. A IA oferece respostas colaborativas e calibradas para agradar à multidão. Se você pedir ao ChatGPT conselhos sobre a vida cristã, ele lhe dará a sabedoria mais convencional:

Nossas ações devem primeiro se ajustar aos princípios bíblicos, e não meramente à conveniência ou à eficiência.

respostas altamente individualistas, auto-expressivas e memorizadas. Mas a mediocridade das respostas do ChatGPT não é o único problema.

O acesso rápido e fácil à informação aparentemente infinita pode minar o discipulado. Afinal, por que trabalhar duro para estudar a Bíblia e crescer em conhecimento se um robô pode fazer isso por você? A IA generativa, portanto, promete eficácia e economia de tempo na realização de algumas tarefas, mas oferece aos seus usuários resultados que não envolvem trabalho ou esforço pessoal.

Nossas ações devem primeiro se ajustar aos princípios bíblicos, e não meramente à conveniência ou à eficiência. Assim, embora a IA generativa possa ser capaz de escrever sermões, devemos recordar que esse dever é dos pastores. Negligenciar essa responsabilidade não só é antiético, mas também imprudente. Uma máquina, por mais avançada que seja, não conhece o coração das pessoas em uma congregação, por isso, não pode calcular responsabilmente suas palavras a fim de guiá-las à verdade bíblica. Também não é capaz de sintonizar-se com o Espírito Santo.

Se você usar a IA sem nenhuma convicção ética, cometerá erros éticos. Por quê? Porque você acabará caindo no utilitarismo, que tem a seguinte premissa: “Se fazer x atinge o objetivo de maneira mais eficiente, então fazer x é o correto.”

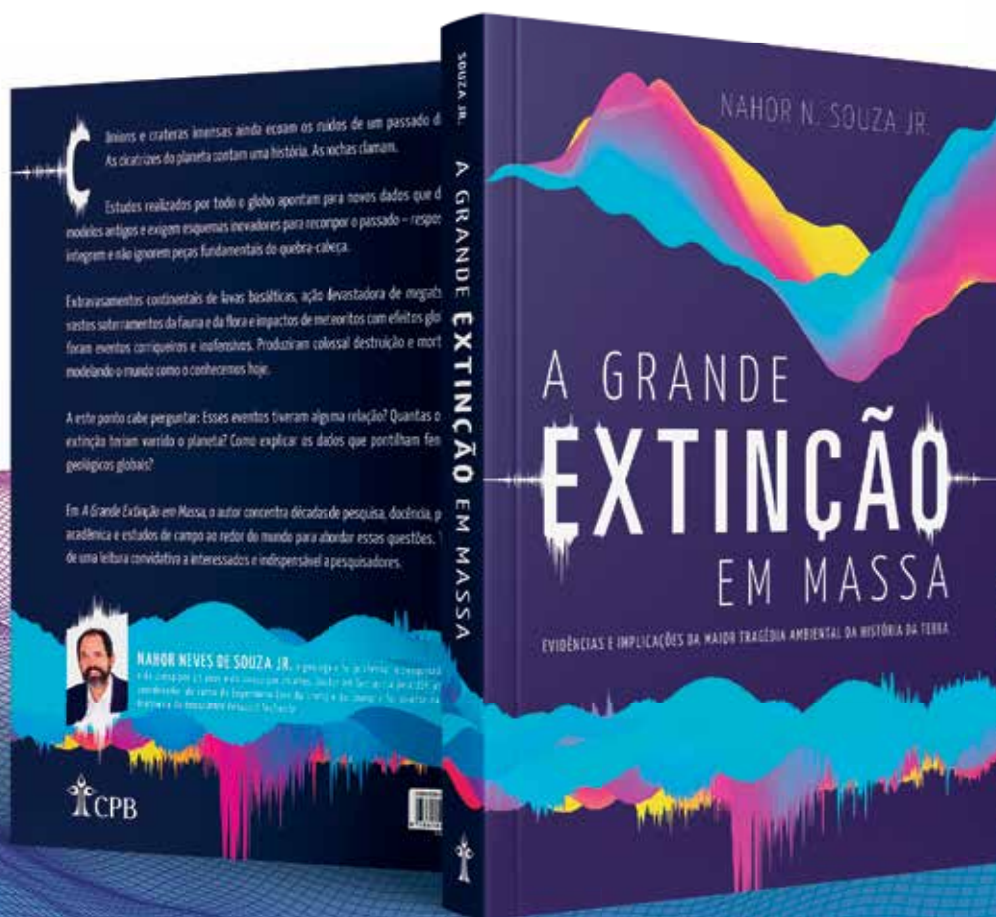
Portanto, como pastores, devemos usar a IA de maneira assertiva. Se você não está disposto a dizer aos membros de sua igreja ou aos administradores de seu campo que seus sermões são preparados com o ChatGPT, então não use. Aqui, sem dúvida, cabe o conselho inspirado do apóstolo Paulo: “Examinem todas as coisas, retenham o que é bom” (1Ts 5:21). **M**



WALTER STEGER
editor da Asociación Casa
Editora Sudamericana

AS CICATRIZES DO PLANETA CONTAM

SÃO MAIS DE 300 PÁGINAS COM LINGUAGEM TÉCNICA E ACESSÍVEL,
ALÉM DE MUITAS IMAGENS E ILUSTRAÇÕES.



MKT CPB - Adobe Stock

Depois de anos de estudos, observação de fenômenos, identificação de padrões e anomalias, e elaboração e avaliação de hipóteses, o doutor Nahor Neves de Souza Jr. lança seu livro **A GRANDE EXTINÇÃO EM MASSA**, no qual propõe uma teoria que poderá mudar a maneira como muitos cientistas veem a história geológica da Terra.

cpb.com.br • 0800-9790606
CPB livraria • (15) 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br

**CPB**
pra toda a vida

Baixe o
Aplicativo CPB  

    /cpbeditora

